



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ARTE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES – PPGARTES**

LUCIANA BORGES PINHEIRO

***ENTRE O FUNDO E O MEIO-DO-CÉU:
Uma Vídeo-Performance e seu Memorial***

Belém-Pará

2019

LUCIANA BORGES PINHEIRO

***ENTRE O FUNDO E O MEIO-DO-CÉU:
Uma Vídeo-Performance e seu Memorial***

Memorial apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade Federal do Pará, como requisito para obtenção do título de Mestra em Artes.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Wladilene de Sousa Lima.

Linha de Pesquisa: Poéticas e processos de atuação em artes.

PPGARTES \ ICA \ UFPA

Belém-Pará

2019

Dados Internacionais de Catalogação- na-Publicação (CIP)
Biblioteca do Programa de Pós-Graduação em Artes/UFPA

P654 Pinheiro, Luciana Borges
Entre o fundo e o meio-do-céu: uma vídeo-performance e seu memorial / Luciana Borges Pinheiro. – 2019.
89 f. : il. color.

Orientador: Prof.^a Dr.^a Wladilene de Sousa Lima.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Ciências das Artes, Programa de Pós-Graduação em Artes, Belém, 2019.

1. Astrologia. 2. Performance (Arte). 3. Vídeo-performance. 4. Poética. I. Título.

CDD 23. ed. – 133.5



INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ARTE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES

**ATA DE DEFESA PÚBLICA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO
DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DO PARÁ.**

Aos vinte e sete (27) dias do mês de Novembro do ano de dois mil e dezenove (2019), às onze (11) horas, a Banca Examinadora instituída pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade Federal do Pará, reuniu-se em Sessão Pública, no Programa de Pós-Graduação em Artes, sob a presidência da orientadora professora doutora Wladilene de Sousa Lima ao disposto nos artigos 58 a 61 do Regimento Interno, Seção V “da Aprovação ou Reprovação da Dissertação”, presenciar a defesa oral de Dissertação de Luciana Borges Pinheiro, **intitulada: ENTRE O FUNDO E O MEIO-DO-CÉU: Uma vídeo-performance e seu memorial**, perante a Banca Examinadora, constituída de acordo com o prescrito no parágrafo único do Artigo 59 do Regimento acima mencionado, **pelos professores doutores Wladilene de Sousa Lima (Presidente), Orlando Franco Maneschy (examinador interno), Ana Karine Jansen de Amorim (examinador externo)**. Dando início aos trabalhos, a professora doutora Wladilene de Sousa Lima, passou à palavra a mestranda, que apresentou a Dissertação, com duração de trinta minutos, seguido pelas arguições dos membros da Banca Examinadora e as respectivas defesas pela mestranda, após o que a sessão foi interrompida para que a Banca procedesse à análise e elaborasse os pareceres e conclusões. Reiniciada a sessão, foi lido o parecer, resultando em aprovação, com o conceito EXCELENTE com distinção. A aprovação do trabalho final pelos membros será homologada pelo Colegiado após a apresentação, pela mestranda, da versão definitiva do trabalho. E nada mais havendo a tratar, a professora Wladilene de Sousa Lima agradeceu aos presentes, dando por encerrada a sessão. A presente ata que foi lavrada, após lida e aprovada, vai assinada, pelos membros da Banca e pela mestranda. Belém-Pa, 27 de Novembro de 2019.

Prof.ª Dr.ª WLADILENE DE SOUSA LIMA

Prof. Dr. ORLANDO FRANCO MANESCHY

Prof.ª Dr.ª ANA KARINE JANSEN DE AMORIM

LUCIANA BORGES PINHEIRO



O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

Dedico este trabalho à Minha Filha Serena e a todas as Mulheres que escolheram se perder e se achar nesse mergulho profundo nas águas misteriosas da Maternidade. Agradecendo, em especial, às Mães-Pesquisadoras.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente às Deusas e a Deus, que permitiram que a magia acontecesse, aos meus guias e protetores, a Hermes Trismegisto (Mercúrio) por ter ajudado na comunicação entre a terra e o céu, à santa Sara Kali, minha mãe-guia e protetora espiritual.

Ao grande amor da minha vida, minha filha Serena Borges, por ser tão parceira, tranquila e Serena.

À minha mãe, Maria José Borges Pinheiro, por estar sendo minha rede de amor, de incentivo e de apoio nos cuidados com minha filha.

Aos piscianos da minha vida e melhores pais que já conheci, Otávio Pinheiro e Felipe Pamplona, a dupla que mais me ensina sobre amar incondicionalmente, cuidar e se doar.

A meu pai, por também estar sendo minha rede de amor, de incentivo e de apoio nos cuidados com minha filha, além de ser meu grande amigo.

A meu companheiro, Felipe Pamplona, por ativar minha casa 5 ao me proporcionar o melhor da vida: gerar filhos na arte e na vida. Por cuidar de mim e da Serena.

À minha avó, Pastora Pinheiro, por ser o despertar desta pesquisa.

À minha sogra, Vânia Pamplona, por ser minha rede de apoio, por me ensinar muito sobre amar, e sobre viver a vida com leveza.

À minha amiga: Mannoella de Araújo Neves, por ser minha irmã sagrada e por estar ao meu lado no momento mais especial da minha vida: a maternidade.

À dupla de amigos Marina Trindade e Mateus Moura, que conceberam a música para chegada da Serena e que embalou meu parto num momento mágico, serei eternamente grata.

À minha rede de apoio materna: família Prenices, família Powerpério, por compartilhar comigo a dor e a delícia do ofício da maternagem.

Às famílias Borges Pinheiro e Nunes Pamplona, por todo apoio e incentivo.

À minha prima: Lucineusa Borges, por me ajudar sempre nas demandas da vida e pelo incentivo.

À minha tia Ana Célia Pinheiro, por ter me dado oportunidade de ter meu lugar para parir e criar minha família.

Gratidão à turma mais linda que pude conviver: Alana Lima, Ana Gama, Bernard Freire, Bianca Levy, Cássio Tavernard, Diego Quadros, Edilene Rosa, Felipe Cortez, Germana Camorim, Iam Nascimento, Juan Silva, José Almeida, Juliana Bentes, Juliana TITA Padilha, Laura Paraense, Lucian Souza, Marckson de Moraes, Maryori Cabrita, Pablo

Muffarej, Renan Coelho, Renan Delmont, Renan Oliveira, Renata Maués, Romulo Estevam e Saulo Caraveo. E, em especial, Larissa Lima da Silva e Otávia Feio, pela ajuda com a ABNT.

Agradeço à tríade de professores da minha banca que tanto me ajudaram nessa caminhada: Wladilene de Sousa Lima, Orlando Franco Maneschy e Ana Karine Jansen de Amorim, e em especial à minha orientadora, Wladilene de Sousa Lima, por tamanha generosidade e paciência.

Agradeço imensamente à bruxa escritora Mayara La-Rocque, pela dedicação e mergulho nas águas turvas da minha escrita e poética, por tamanha sensibilidade em ler e transmutar minha alma em palavras e em arte.

Gratidão à amiga e parceira, Carol Abreu, grande artista das artes visuais, pelo trabalho com a feitura das cartas e diagramação das imagens e da criação do trabalho estético.

À Universidade Federal do Pará, pela oportunidade de fazer o Mestrado em Artes.

Ao Programa de Pós-Graduação em Artes (PPGARTES/UFGA).

A CAPES, por conceder bolsa.

*Eis o melhor e o pior de mim
No meu termômetro o meu quilate
Vem, cara, me retrate
Não é impossível
Eu não sou difícil de ler
Faça sua parte
Eu sou daqui, eu não sou de Marte
Vem, cara, me repara
Não vê, 'tá na cara
Eu sou porta-bandeira de mim
Só não se perca ao entrar
No meu infinito particular
Em alguns instantes
Sou pequenina e também gigante
Vem, cara, se declara
O mundo é portátil
Pra quem não tem nada a esconder
Olha minha cara
É só mistério, não tem segredo
Vem cá, não tenha medo
A água é potável
Daqui você pode beber
Só não se perca ao entrar
No meu infinito particular*

Marisa Monte

RESUMO

PINHEIRO, Luciana Borges. **Entre o fundo e o meio-do-céu: uma vídeo-performance e seu memorial**. 2019. 89 fls. Memorial (Mestrado em Artes) – Programa de Pós-Graduação em Artes, UFPA, Belém.

Quando fechamos os olhos ou quando imergimos em uma prática que nos leve para dentro de nós mesmos como, para mim, significa o caminho artístico, somos levados ao fundo dos nossos próprios céus. Para mim, esse lugar diz respeito ao percurso artístico, e a pesquisa *Entre o Fundo e o Meio-do-Céu: uma Vídeo-Performance e seu Memorial* faz referência a esse caminho próprio de encontro ao meu céu. Nesse trajeto, me lanço na praia do Chapéu Virado, na Ilha de Mosqueiro em Belém do Pará, no Chalé número treze, Casa onde se passa a pesquisa, a qual faz alusão às casas astrais existentes no universo da astrologia. O Chalé é eleito como local da pesquisa por representar as casas astrais e a nutrição afetiva pela *Casa*, pelas histórias familiares ali vividas e revividas. A *Casa* do século XIX/XX encontra-se em estado de quase abandono, que parece aludir a sua própria numeração. Treze também é o número da carta do arcano maior do Tarô, a Morte, carta que representa os ciclos da vida, da renovação, tendo analogia com o Deus do Tempo, Saturno, regente do Meio-do-Céu. Esta pesquisa mostra a obra de arte\vida como uma extensão da existência poética e da busca de si, através do mergulho na própria trajetória pessoal e familiar. É uma pesquisa-criação que tem como obra poética uma Vídeo-Performance que objetiva investigar e experienciar o diálogo entre as linguagens do vídeo e da performance que tem como norte o saber astrológico através da interpretação simbólica do meu próprio mapa astral, onde performo meu próprio cosmo, minha mandala astral, minha cosmo-poética. É uma pesquisa poética que aborda o tempo e seus ciclos e homenageia as mulheres que atravessam minha existência. Esta pesquisa convida a pensar a arte como uma potência de transformação de si, onde o próprio fazer artístico consiste em um processo laboral de pesquisa, a qual corrobora para o reconhecimento e criação de métodos de trabalho do artista sobre si.

Palavras-chave: Processo de Criação em Arte. Vídeo-Performance. Busca de Si. Cosmo-poética. Astrologia.

RÉSUMÉ

PINHEIRO, Luciana Borges. **Entre le bas et le milieu-du-ciel: Une performance vidéo et son mémorial.** 2018. 89 fls. Mémorial (Maîtres des Arts) - Programme d'études supérieures en arts, UFPA, Belém.

Lorsque nous fermons les yeux ou que nous nous immergeons dans une pratique qui nous emmène en nous comme, pour moi, le chemin artistique signifie, nous sommes emmenés au plus profond de notre propre ciel. Pour moi, cet endroit concerne le parcours artistique, et la recherche *Entre le bas et le milieu du ciel: une performance vidéo et son mémorial* fait référence à ce chemin approprié contre mon ciel. De cette façon, je me lance sur la plage de Hat Virado, sur l'île Mosqueiro à Belém do Pará, dans le chalet numéro treize, la maison où la recherche a lieu, qui fait référence aux maisons astrales existantes dans l'univers de l'astrologie. Le Chalet est élu comme site de recherche pour représenter les maisons astrales et la nutrition affective par la Maison, pour les histoires de famille qui y ont vécu et revivifié. La maison du XIXe / XXe siècle est dans un état de quasi-abandon, ce qui semble faire allusion à sa propre numérotation. Treize est également le numéro de carte du grand arcane du Tarot, la Mort, qui représente les cycles de vie et de renouvellement, ayant une analogie avec le Dieu du Temps, Saturne, souverain du Milieu du Ciel. Cette recherche montre l'œuvre d'art \ vie comme une extension de l'existence poétique et de la recherche de soi, en plongeant dans sa trajectoire personnelle et familiale. C'est une recherche-crédation qui a comme travail poétique une performance vidéo qui vise à enquêter et à expérimenter le dialogue entre les langages de la vidéo et de la performance qui est guidé par les connaissances astrologiques à travers l'interprétation symbolique de ma propre carte astrale, où j'exécute ma propre cosmos, mon mandala astral, ma cosmo-poétique. C'est une recherche poétique qui aborde le temps et ses cycles et honore les femmes qui traversent mon existence. Cette recherche nous invite à penser l'art comme un pouvoir d'auto-transformation, où la fabrication artistique elle-même consiste en un travail de recherche, qui corrobore la reconnaissance et la création des méthodes de travail de l'artiste sur lui-même.

Mots-clés: Processus créatif dans l'art. Performance Vidéo. Quête de soi. Cosmo-poétique. Astrologie.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Meu Mapa Natal.....	16
Figura 2 – Eu, sob o olhar e a arte do artista Juan Silva.....	18
Figura 3 – O meu Fundo-do-céu: Chalé Cardoso, Ilha de Mosqueiro. Chapéu Virado n° 13.....	22
Figura 4 – Fundo-do-Céu.....	23
Figura 5 – A lâmina da morte, meu Tarô Pessoal.....	24
Figura 6 – Vivenda J. Marques, 1920. Chalé Cardoso, 1930.....	26
Figura 7 – Visualidade do plano inicial de composição da pesquisa: Mandala Cosmo-Poética.....	27
Figura 8 – O Quarto do Touro.....	31
Figura 9 – Meu desenho sobre a ancestralidade das mulheres da minha família.....	33
Figura 10 – Lua de Casa 9 em Touro.....	34
Figura 11 – Quando a Leoa Afrodite encontra as águas de Peixes.....	37
Figura 12 – Narrativa de um sonho, a visão de um porteiro de um prédio em São Paulo....	40
Figura 13 – Cigana Salomé.....	41
Figura 14 – A Mãe, a Lua.....	42
Figura 15 – Rita Lee Camponesa: Influência artística	43
Figura 16 – Tim Maia: Influência artística.....	44
Figura 17 – Júpiter, Zeus.....	45
Figura 18 – Sereia. Inspirada na Obra Danaë de Gustav Klimt.....	46
Figura 19 – Mercúrio, Hermes Trismegisto.....	47
Figura 20 – Urano, Aquário.....	48
Figura 21 – Saturno, o Tempo.....	49
Figura 22 – O Astro Rei, o Sol.....	50
Figura 23 – Narrativa do sonho de uma amiga do trabalho.....	51
Figura 24 – Netuno, o Pai do Cinema, do Vídeo e da imagem.....	52
Figura 25 – Plutão, Escorpião.....	53
Figura 26 – O Banheiro do Escorpião.....	54
Figura 27 – Casa 8.....	56
Figura 28 – Ferrão do Escorpião.....	58
Figura 29 – Primeira visita ao banheiro do Escorpião. Mosqueiro, Chalé 13.....	58
Figura 30 – Roda da Fortuna em Câncer.....	61
Figura 31 – Cena da Varanda da Lua, Mosqueiro, Chalé 13.....	63
Figura 32 – Santa Sara Kali.....	66
Figura 33 – Chalé 13, Praia do Chapéu Virado, Ilha de Mosqueiro.....	68
Figura 34 – Meio-do-Céu.....	71
Figura 35 – Marte em Escorpião.....	76

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	13
2. O FUNDO-DO-CÉU.....	22
2.1. Mandala Cosmo-Poética.....	27
2.2. Arte e Vida – influências e confluências nas ideias.....	28
2.3. O Quarto do Touro: meu Cosmo, meu Baú e minhas Luas.....	31
3. O QUINTAL DE BRINCAR DO LEÃO.....	35
3.1. O lúdico – influências e confluências nas palavras	36
3.2. O lúdico – influências e confluências nos desenhos (Baralho Pessoal Cigano).....	40
4. O BANHEIRO DO ESCORPIÃO.....	54
4.1. Tabus, sexualidade e intimidade familiar.....	56
5. A VARANDA DA LUA.....	60
5.1. A Casa 1, o Parto e o Nascimento.....	61
5.2. Santa Sara Kali, protetora das prenhas ciganas.....	64
6. O MEIO-DO-CÉU.....	68
6.1. Da roda da fortuna à Vídeo-Performance.....	69
6.2. A Vídeo-Performance.....	71
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	80
APÊNDICE.....	82



1. INTRODUÇÃO

Esta pesquisa convida a pensar a arte como uma potência de transformação de si, onde o próprio fazer artístico consiste em um processo laboral de pesquisa, a qual corrobora para o reconhecimento e criação de métodos de trabalho do artista sobre si, tendo por base teórica os estudos do professor Cassiano Sydow Quilici (2015), a produção de conhecimentos oriundos de outras práticas de pesquisa no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Artes, da Universidade Federal do Pará, e a Astrologia como dispositivo performativo e gerador de autoconhecimento.

No curso “Hermenêutica do Sujeito” de Foucault, existe uma expressão traduzida para o latim como “cuidado de si” (QUILICI, 2015). Essa expressão já conhecida na temática de Jerzy Grotowsky (2007) diz respeito ao trabalho do ator sobre si mesmo e fundamenta esta pesquisa, a qual intenta lançar luz na atitude do eu-artista em relação a si mesmo como uma forma de cultivar qualidades humanas intransferíveis e fundamentalmente necessárias para a busca e conhecimento de um caminho próprio.

Tendo em vista que o “trabalho sobre si” não se restringe a uma condição meramente individualista, mas também se estabelece em um sentido de alteridade como condição indispensável para o desenvolvimento da arte, estabeleço uma pesquisa em que eu própria me coloco em jogo de criação de uma obra poética, no caráter de uma vídeo-performance.

Convoco parte do meu saber astrológico, em processo de formação, como suporte teórico e como plano poético de composição de minha Obra-pesquisa. O memorial aqui apresentado segue seu próprio destino, tornando-se uma espécie de mapa da obra em construção.

Este mapa-memorial sobre a Vídeo-Performance aborda minha pesquisa poética que tem como norte o saber astrológico através da interpretação simbólica do meu próprio mapa astral. Desafio-me a performar meu próprio cosmo, minha mandala astral, minha história, com influências de amigas, tias, avós e de minha mãe. É uma forma de homenagear com o meu fazer artístico, as mulheres que atravessam minha existência. Considero essa homenagem uma forma de romper com certos padrões estabelecidos pelo sistema patriarcal, o qual induz a reprodução de certos comportamentos e sentimentos, tais como a competição, a insegurança, a dependência emocional, a desconfiança e a opressão entre as mulheres.

Um caso que ilustra essa realidade, atravessada por uma herança machista, se deu em minha infância, por volta dos meus quatro ou cinco anos. Tomei conhecimento, através da

leitura astrológica do meu mapa que eu havia sofrido um abuso sexual na minha casa com a minha então cuidadora. Embora eu não tenha plena consciência e recordação desse episódio, percebo que inconscientemente sempre guardei um sentimento de raiva por essa mulher, o que, possivelmente, pode estar atrelado a esse trauma de infância.

Trago esse lugar de intimidade da minha vida como próprio do meu trabalho, pois este se trata de um trabalho de vida e arte. Dessa forma, esta pesquisa se embasa na minha busca pessoal, de autoconhecimento e autotransformação em muitos aspectos, e sinto que o meu próprio corpo se torna um grande veículo para registrar as passagens e marcas desse trajeto.

Assim, opto por performar através da ferramenta audiovisual, onde o vídeo em si se torna uma extensão do meu corpo. Não se trata de um registro de gestos do corpo, e sim de um acontecimento, um dançar junto. Pode-se dizer que o vídeo é um prolongamento das minhas visões corporais de mundo e, dessa forma, o expectador vê como e o que o meu corpo vê. Nesse sentido, a partir de um senso de experimentação e improviso, se cria uma obra em que eu mesma vou descobrindo e aprendendo os caminhos da performance audiovisual, um diálogo intrínseco entre as artes cênicas e audiovisuais.

Nos primórdios do vídeo os corpos não são propriamente “representados”, como no cinema, mas “se apresentam” diretamente, ou se “tornam presentes”, sofrendo/realizando uma infinidade de ações. Enquanto no cinema os corpos e a ação são articulados de modo a envolver afetivamente o espectador, no vídeo os gestos dos performers não buscam o pathos, mas antes empreendem uma exploração das capacidades dos corpos e das suas potencialidades, pondo-os à prova ou estendendo seus limites. No vídeo o corpo não se inscreve numa narrativa, não faz parte de um dispositivo de representação com o qual o espectador se solidariza; assumindo um duplo papel, o corpo do artista age e sofre a ação, ou então busca sondar-se, experimentar-se, mesmo às custas do sofrimento e da dor. (SENRA, 2012).

A pesquisadora Christine Mello (2008) observou o caráter híbrido heterogêneo do vídeo, no qual estabelece contatos com outras práticas artísticas, o que dificulta a identificação específica da sua real natureza. Com isso, ela acredita que atribuir ao caráter do vídeo um traço único limitaria sua abrangência, e para tal ela escolheu pesquisar a partir da sua extremidade expandida com outras linguagens e campos como a astrologia, tal como propõe esta pesquisa. Devido as suas características técnicas e processuais, a vídeo-arte não se presta a abordagens mais tradicionais e em classificações de categorias fixas como ficção, documentário ou experimental, é uma obra que atravessa os meios de expressão artística, mas não se limita a eles.

Por essa razão, pesquisar vídeo-arte é aceitar o desafio de lidar com um objeto híbrido, camaleônico, de múltiplas identidades. Escolhi a vídeo-performance como via para criar esta

pesquisa, pois para mim o vídeo desperta um campo de conhecimento que me joga para algo desconhecido com o qual apreendo o novo da vida. É um conhecimento que vai sendo construído na prática.

Quando fechamos os olhos ou quando imergimos em uma prática que nos leve para dentro de nós mesmos como, para mim, significa o caminho artístico, somos levados ao fundo dos nossos próprios céus. Para mim, esse lugar diz respeito ao percurso artístico, e a pesquisa *Entre o Fundo e o Meio-do-Céu: uma Vídeo-Performance e seu Memorial* faz referência a esse caminho próprio de encontro ao meu céu. Nesse trajeto, me lanço na praia do Chapéu Virado, na Ilha de Mosqueiro em Belém do Pará, no Chalé número treze, Casa onde se passa a pesquisa, a qual faz alusão às casas astrais existentes no universo da astrologia.

Na estrutura da mandala da astrologia são doze casas astrais, uma para cada signo, para cada símbolo e, normalmente, cada uma é regida ou comandada por um planeta. Sob a perspectiva de pesquisadora e artista, crio a décima terceira casa, a que denomino ser a minha própria casa astral, o meu próprio cosmo, minha cosmo-poética, onde irei desenvolver e pesquisar uma poética do corpo e da imagem através da linguagem do vídeo, com a simbologia poética existente no meu próprio mapa astral, daquilo que está presente entre o fundo e meio do meu próprio céu.

O mapa astral tem vários nomes, dentre eles, mapa natal, pois está relacionado com a data de nascimento de uma pessoa no exato momento da sua primeira respiração na Terra; É considerado um documento autêntico tal como as impressões digitais de uma pessoa, onde seus traços são únicos e particulares. Trata-se de um registro fotográfico do céu, com seus astros e planetas no momento da sua primeira respiração exterior ao útero. “A carta astrológica natal é o mapa capaz de nos guiar novamente a nós mesmo” (SASPORTAS, 1985, p. 17).

O mapa astral é uma espécie de mandala, palavra que em sânscrito significa círculo. A mandala é uma representação geométrica da dinâmica relação entre o homem e o cosmo, um círculo cósmico que segue um tempo considerado sagrado e que se relaciona com as mudanças cíclicas da natureza. No gráfico do céu, ou seja, no mapa astral é possível apontar diversos aspectos e camadas da vida humana, as influências sobre suas personalidades e destinos terrenos. Nesse sentido, analisar e interpretar o mapa astral é um estudo que requer muita profundidade. Ao tornar público meu mapa astral, percebo-me em um ato de entrega em que o próprio risco de expor a minha vida íntima, minha família e transformação pessoal se torna a partilha necessária para a criação desse método de pesquisa e trabalho artístico.

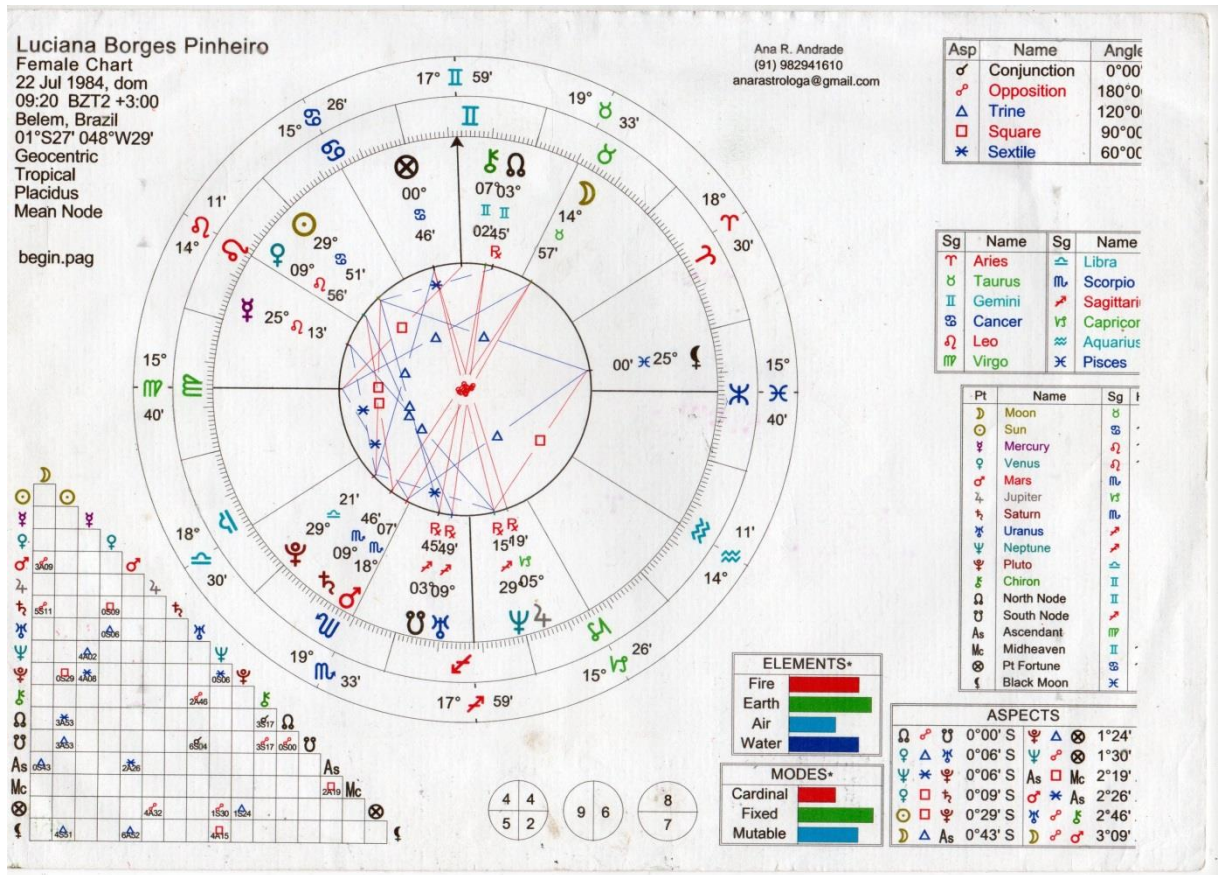


Figura 1 – Meu Mapa Natal. Fonte: Arquivo pessoal, 2018.

Na astrologia essa figura circular da mandala, ou da roda da vida, representa as cartas natais do cosmo, ou seja, os mapas astrais. Eu intuo que dentro do gráfico do mapa astral existe uma ideia que aponte uma trajetória dos doze passos do autoconhecimento e da transformação de si, e eu associo esses dozes passos com as dozes casas astrais.

O campo energético humano relacionado com o campo energético cósmico está representado nos seis eixos da mandala astral da vida: o eixo da identidade, com os signos de Áries (que representa o EU) e seu oposto complementar Libra (que representa o outro, TU); o eixo dos valores, com Touro (Meu valor) e seu oposto complementar Escorpião (o TEU valor); o eixo do conhecimento, com Gêmeos (conhecimento AQUI) e seu oposto complementar Sagitário (conhecimento LÁ no exterior, estudos superiores); o eixo do tempo com Câncer (LAR, Casa, o Fundo-do-céu) e seu oposto complementar Capricórnio (STATUS, social, o que é público; o Meio-do-céu); o eixo do poder com Leão (CRIAR, amor) e seu oposto complementar Aquário (AMIGOS), e o eixo do serviço com Virgem (CORPO) e seu oposto complementar Peixes (ALMA).

A astrologia pode ser considerada como a primeira ciência empreendida pelo homem e surgiu da observação do posicionamento dos astros e sua relação com os fenômenos da

natureza. Com o advento da matemática, foi possível calcular antecipadamente as posições dos astros, o que levou o homem a prever mudanças cíclicas na natureza, dando origem as previsões astrológicas. No entanto, essa abordagem de conhecimento sofreu diversas perseguições por parte da igreja católica, no período da Idade Média, vista como uma ameaça aos seus cânones considerados sagrados. Somente no século XX, com amenização do rigor positivista, é que a astrologia volta a ser vista como ciência, embora, ainda permaneça à margem do positivismo.

Astra significa astro, estrelas, e *logos* razão, estudo, luz. É a ciência que define a influência dos astros sobre os seres. Tradicionalmente, afirma-se que ela tenha surgido na Mesopotâmia, conhecida como o berço da civilização (Síria, Iraque e Turquia) por volta de cinco mil anos A.C.

Uma das bases do saber astrológico é a alquimia, um modelo pelo qual o homem pode se espelhar na busca de uma alquimia interior, através da relação do homem com a natureza. Segundo minha professora de astrologia, Ana Andrade, no nosso mapa astral há uma promessa de vida para essa encarnação e também mostra nossas vidas passadas, ou seja, lá constam a nossa missão nessa vida, nossas potencialidades e possíveis dificuldades.

A astrologia no Egito é representada por Hermes Trismegisto, considerado por muitos estudiosos como o pai da astrologia, deixando como principal legado seus estudos sobre os sete princípios herméticos, responsáveis pela base teórica da técnica de interpretação das cartas astrológicas. São estes: princípio do mentalismo, da correspondência, da vibração, da polaridade, do ritmo, da causa e efeito e do gênero.

O psicoterapeuta suíço Carl Gustav Jung foi considerado um astrólogo, pois se dedicou às investigações astrológicas de caráter psicológico em nível arquetípico e simbólico. Seus estudos sobre sincronicidade são como um paralelo com o misterioso princípio hermético da correspondência “*o que está em cima é como o que está embaixo. O que está dentro é como o que está fora*”. Nesse sentido, ele explorou as diversas formas de se relacionar com a imaginação simbólica e criativa, dentre elas, o tarô.

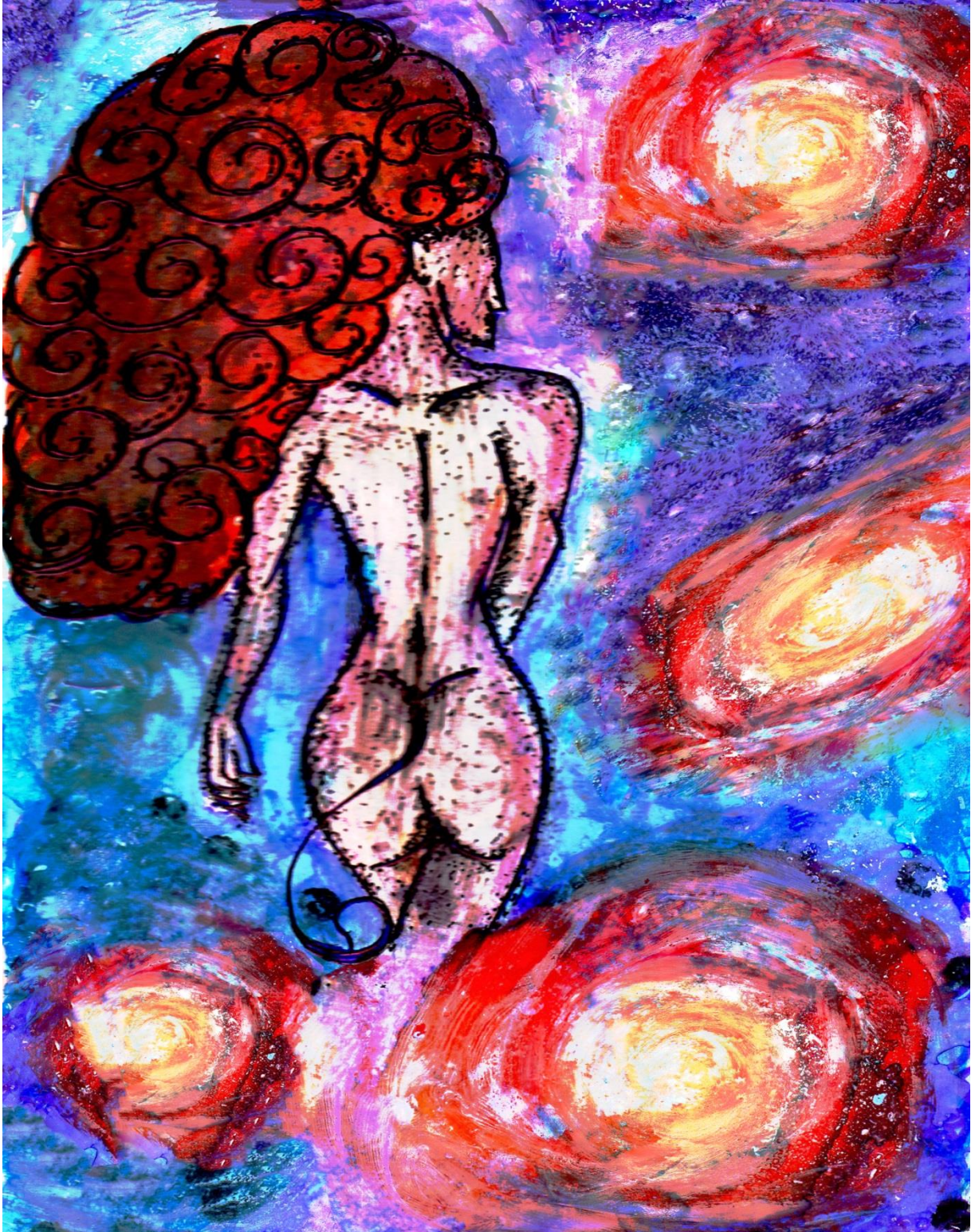


Figura 2 – Eu, sob o olhar e a arte do artista Juan Silva. Fonte: Juan Silva. Caminhando entre o cosmo. Aquarela com nanquim sobre papel. 2018.

Com o intento de guiar e nortear a compreensão do leitor acerca dos elementos astrológicos criei este guia-astral resumido, para que dessa forma, o leitor possa acompanhar o

processo de criação da performance cosmo-poética gestada pela pesquisa, clareando seus principais conceitos e funções:

Fundo-do-céu: Indica o início e o fim da vida, ou seja, a infância e a velhice. Aponta nossos pais, a família, o Lar. Fala de intimidade, revela “o que a gente faz quando se está sozinho”. É a origem, o lugar de onde viemos. Aqui, é a representação da própria Casa Chalé de Mosqueiro.

Mapa Astrológico Natal: É a fotografia do céu no momento do início da vida. É um gráfico estático, calculado no determinado momento do nascimento, com hora, data e local, onde marcamos os posicionamentos dos signos, astros e aspectos entre os planetas. A pesquisa é desenvolvida em cima da minha própria fotografia do céu.

Planetas: Indicam dimensão específica da experiência (ARROYO, 2013, p. 203). São astros regentes ou os senhores cósmicos de cada signo. Cada signo possui um ou mais regentes que o governam e o influenciam. Exemplo: O regente do signo de escorpião é plutão e marte. Para a astrologia, a Lua e o sol são considerados planetas.

Casas Astrais: Indicam os campos específicos da experiência, onde operam as energias dos signos e dos planetas (ARROYO, 2013, p. 235). São áreas da vida, o palco, o cenário. São doze espaços de tamanhos variados e obtidos através de cálculos matemáticos. Cada casa tem analogia com um signo e tratam de determinado assunto. Exemplo: a casa quatro é a casa da memória familiar e tem analogia com o signo de câncer; é onde se encontra o fundo-do-céu também.

Casa Astral 2: O quarto de touro, a religiosidade de minhas avós, aquilo que está guardado dentro dos nossos baús, aquilo que chamo de meu.

Casa Astral 8: Também conhecida como casa da morte, casa dos assuntos da segurança emocional ou da alma. Nessa pesquisa, é o banheiro de escorpião, o qual representa os valores de minha família, mais especificamente, o meu e o da minha avó.

Casa Astral 5: Planetas presentes nesta casa tratam de assuntos como o sentimento de segurança do próprio eu. É a casa do sol, e nessa pesquisa, é o quintal de brincar de leão, onde estão os nossos frutos e filhos.

Casa Astral 11: Trata de assuntos sobre as amizades, protetores, conselheiros, fala dos projetos da vida. Aqui, ela se figura na varanda da lua, nas amizades, aquilo que na vida

ganhamos de presente através dos amigos. É a casa que remete ao gosto de fusão com os outros, o gosto de conviver em grupo.

O Sol: Mostra como a pessoa é e como ela percebe a vida. É o eu interior da alma, são os valores essenciais, o senso de individualidade, a vitalidade criativa. O sol espelha o anseio de ser criação e expressão criativa.

A Lua: Mostra como a pessoa reage espontaneamente. Indica segurança emocional e doméstica, necessidade de tranquilidade emocional, de pertencimento e bem-estar consigo mesmo.

A Vênus: Mostra como a pessoa expressa afeições, como se sente apreciada e se dedica ao amor, aos gostos emocionais, as trocas energéticas, ao dar e receber. Vênus é anseio de prazer, de amor, de aproximação, necessidade de conforto, de expressar emoções.

Marte: Mostra como a pessoa se afirma e expressa seus desejos. Sua vontade de agir, iniciativa, energia física, o ímpeto, a constância. Impulso sexual, agressivo e auto afirmativo.

Signos: São energias que indicam qualidades específicas da experiência de cada indivíduo no planeta Terra.

Áries: É o princípio de tudo, o início. A ação que conduz. É o caçula Peter Pan. Áries é fogo exuberante da estação primavera, por isso também o sol se encontra em estado de exaltação.

Touro: Energia que constrói as posses materiais e os bens. Tudo aquilo que é nosso.

Gêmeos: Representa a energia da comunicação, do intelecto, da socialização e interação na primeira infância, indicam os irmãos ou primos, os vizinhos e as viagens curtas.

Câncer: Os sentimentos e a receptividade familiar, maternal, fertilidade, imaginação, memória.

Leão: Signo da autoexpressão, criatividade, liderança, generosidade, segurança, vontade, senso artístico, espontaneidade e nobreza.

Virgem: Análise, discernimento, praticidade, autocrítica, sistematização, organização lógica.

Libra: Energia artística, estética, diplomática, sociabilidade, vaidade. Características venusianas.

Escorpião: O extremismo, a revolução, o ser reservado e oculto, o mistério, a intensidade. Nesse signo, estão os assuntos passionais, de mortes.

Sagitário: Assuntos religiosos, políticos e morais, independência, aventura, filosofia, educação, justiça, cultura e viagens ao exterior.

Capricórnio: Responsabilidade, direção, comando, administração e perseverança são atribuídos a este signo.

Aquário: A amizade, os grupos, pensamento moderno e libertário, originalidade, rebeldia, independência. Excentricidade e não convencionalidade.

Peixes: Religiosidade, mediunidade, imaginação, isolamento, fantasia, inspiração, sonhos.

Meio-do-céu: É onde está a nossa realização das coisas materiais, sociais e profissionais. Aponta onde queremos chegar, indicando nossas metas, nossos esforços. É lá que está o nosso poder pessoal, o reconhecimento social do nosso trabalho. É aqui, no meio do céu, que encontramos as pessoas que estão em posição de poder em nossas vidas, logo muitas vezes está lá a figura de nossos pais ou até de nossos chefes ou patrões.

2. O FUNDO-DO-CÉU

De onde viemos? O que encontramos quando nos voltamos para dentro de nós mesmos? O fundo-do-céu poderá apontar possíveis respostas. Na astrologia ele se encontra dentro da casa de número quatro, a casa do signo de câncer, ou seja, todo fundo-do-céu é regido pela lua, pela intuição. Nosso útero-casa, nossa primeira casa, o nosso lar, a nossa casa-alma e as nossas raízes. Quando convidamos pessoas a entrar em nossa casa, estamos fazendo também um convite a conhecer nossa alma, estamos abrindo nossos íntimos baús. É lá que podemos observar o nosso passado, principalmente o passado familiar, pois lá apontam caminhos para compreensão de como foi nossa vida íntima dentro do nosso lar. Também fala muito de como vivenciamos nossas mães ou nossos pais, de nossas heranças herdadas e tudo o que mora no fundo de nós. Representa aquilo que somos em nossa privacidade e como nos comportamos nos nossos lares.



Figura 3 – O meu Fundo-do-céu: Chalé Cardoso, Ilha de Mosqueiro. Chapéu Virado nº 13. Fonte: Autor desconhecido, internet.

O fundo-do-céu representa o nosso refúgio, o lugar para onde vamos quando queremos nos encontrar bem fundo, quando retornamos para dentro de nós mesmos. “O centro interior para onde o nosso *eu* retorna a fim de descansar antes de dar início a novas atividades” (SASPORTAS, 1985, p. 50). É o contrário da vida pública representada pelo meio-do-céu. É no fundo-do-céu que se encontra a influência em nós de nossa família de origem. No fundo-do-céu também cabe o início e o fim das coisas, pois é lá que estão nossas origens, mas também é lá que se encontra a forma como findamos as coisas. É no fundo-do-céu que está indicado a nossa infância e a nossa velhice, ou seja, o começo e o fim da vida.



Figura 4 – Fundo-do-Céu. Fonte: Felipe Pamplona, 2019.

O chalé de Mosqueiro se encontra um tanto deteriorado, fazendo jus à carta de número treze do tarô, a morte, que também pode representar a renovação. Nesta carta a ideia de renovação e processo de transformação é representada por um esqueleto que, com uma segadeira (símbolo de saturno, Deus do tempo, da colheita, da decadência), ceifa partes do corpo, do eu, da personalidade anterior e pontos de vistas antigos.

Esse desmembramento do nosso eu desgastado, essa morte, é parte do processo da jornada do autoconhecimento, em que, para isso, é necessário o desapego daquelas bagagens emocionais que muitas vezes só atendem ao ego para o reconhecimento do essencial. Essa

poda dos velhos padrões até a maturação do novo eu, há realmente um período de luto. Somente os loucos e as crianças não temem a morte, essa viagem às terras desconhecidas, como nos dizia o sábio garoto criado por J. M. Barrie (2013), na obra Peter Pan: “morrer vai ser uma grande aventura” (BARRIE, 2013, p. 140).

Não é por acaso que o número treze é considerado azarento em nossa cultura, ele está no meio das doze horas do dia, doze meses do ano. Não há espaço para o décimo terceiro mês no calendário anual, nem nos ponteiros do relógio; o treze é o Judas (NICHOLS, 2007, p. 230), o décimo terceiro discípulo e sua traição. O número treze também é a carta da Morte no Tarô de Marselha, que representa os ciclos de vida e de morte, da renovação. A morte tem analogia com Deus do Tempo Saturno (regente da casa número dez, a de capricórnio, casa referenciada ou localizada como o meio-do-céu) e com Plutão.

Dentro deste trabalho, considero essa carta por simbolizar a morte do Eu-Casa-Corpo, representando o estado deteriorado da Casa, e o ciclo natural que me encontro de vida e de morte: grávida, meu corpo-abrigo-casa e a vida que vem anunciando e o nascimento também de uma mãe, mas também a morte que se aproxima do antigo Eu, do antigo corpo, dando passagem a uma nova vida e a uma nova construção de identidade.

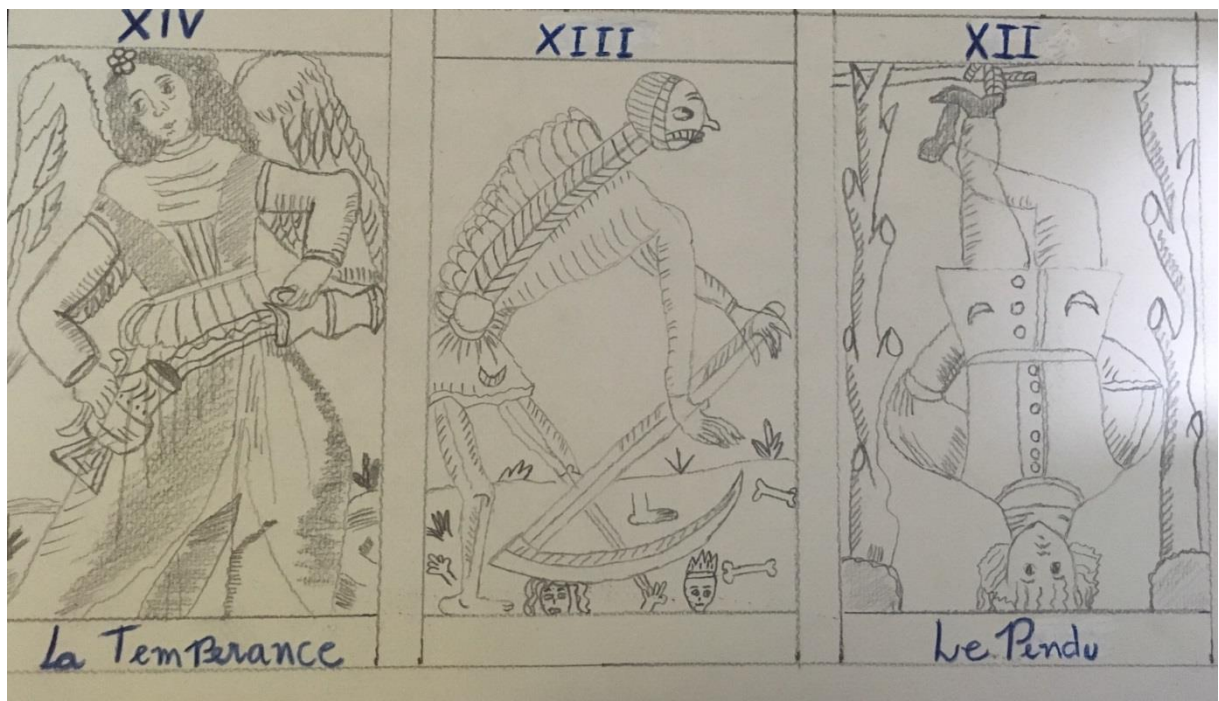


Figura 5 – A lâmina da morte, meu Tarô Pessoal. Fonte: Lu Borgges, 2018.

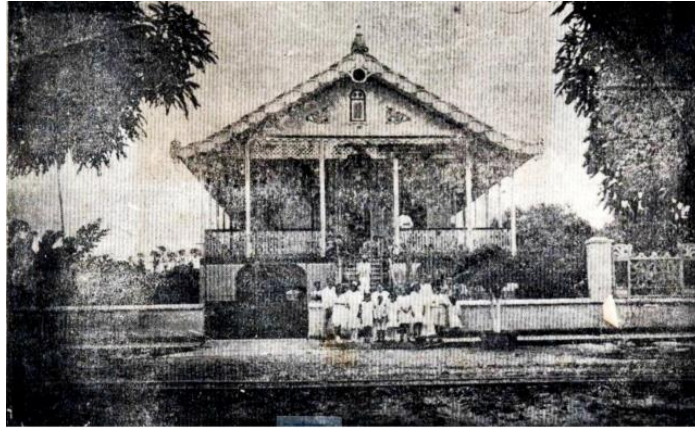
Meu fundo-do-céu estava abandonado pelas minhas memórias esquecidas, mas com essa pesquisa passei a rever minha vida e meu passado e comecei a reconstruir a minha relação com a casa e minha família. Além disso, durante o processo, me descobri grávida, fato

que se interligou completamente à temática e profundidade desse trabalho, visto que o gestar está intimamente ligado aos ciclos do tempo, tanto quando o estudo dos astros e de seus movimentos no céu. No decorrer da pesquisa, meu corpo ia se transformando e ganhando novas formas e assim a pesquisa também se transformava.

Com as idas e vindas entre Belém-Mosqueiro, a Casa 13 veio aos poucos ganhando mais atenção e vida, sendo cuidada e nutrida por mim, pela equipe da Vídeo-Performance e principalmente pela minha família. Foi reformado o banheiro, o forro, a varanda e toda fiação elétrica, fato que ocasionou também certo atraso no calendário das filmagens, pois estava em risco de curto-circuito, e não podíamos conectar as câmeras nas tomadas antigas. No dia 8 de dezembro de 2018, como nos velhos tempos de infância, foi realizado o aniversário da esposa de meu tio, com cerca de vinte e três convidados, fato que não acontecia há muitos anos, pois a Casa encontrava-se em estado de quase abandono, sem cuidados e sem visitas. Fiquei feliz e surpresa, pois não imaginei que minha pesquisa fosse trazer esse feixe de luz de vida para a Casa, haja vista que no início dessa pesquisa meu objetivo era homenagear também a Casa e sua história, sua memória, deixando esse vídeo como agradecimento, pois não sabemos até quando a Casa será nossa ainda, pois por problemas financeiros e questões familiares de herança, a Casa poderá ser leiloada. Outro fato também foi a chegada da maternidade no meu coração, os hormônios da gestação me apresentaram sentimentos de laços de afeto familiares que eu não costumava me debruçar com tamanha gratidão, compreensão e carinho. Passei a olhar e a valorizar momentos e saudades. Na minha busca por informações sobre a história da Casa, eis que achei essa notícia e imagem:

“A revista paraense A Semana, em seu nº94 de 17JAN1920, estampa um clichê com a legenda A bela vivenda do capitalista J. Marques, no Chapéu Virado, vendo-se á porta a sua família — não há texto no magazine que revele as atividades econômicas de “J. Marques”, nem seu nome completo às investigações. Já a foto subsequente, retirada de um álbum doméstico, mostra outra família defronte da mesma casa de veraneio no Mosqueiro à praia do Chapéu Virado, uma década depois; neste caso já são os Cardoso (e agregados) descendentes de outro capitalista: o pecuarista Francisco José Cardoso, proprietário de fazendas na Ilha do Marajó. Segundo a memória de parentes vivos o imóvel fora adquirido em 1926 por Ana de Sequeira Cardoso, esposa de Francisco, sem que ele tivesse conhecimento; estaria então a escritura pública em nome primordial de Ana em vez de Francisco — não tivemos acesso a tal documento. Pela MENSAGEM de Eurico de Freitas Valle ao Congresso Legislativo do Pará em 07SET1930, a firma de Francisco José Cardoso foi, junto com a (firma) de Antonio de Souza Filho, a maior fornecedora de carne bovina, suína e de vísceras aos hospitais e estabelecimentos de ensino mantidos pelo Estado entre julho de 1929 e junho de 1930, sendo revelada apenas a pesagem da carne verde: 316 6 toneladas. Francisco José Cardoso também figura em primeiro lugar isolado na Relação Geral dos Fornecedores em 1929 da Directoria Geral da Fazenda Publica — Antonio de Souza Filho não consta — com todos os seus pagamentos efetuados integralmente pelo governo do Estado do Pará; ou seja: F. J. Cardoso vendeu

sozinho mais de 36% (453:983\$890) de tudo que o executivo estadual necessitou, dentre produtos e serviços, em um ano contábil.” (Fonte: FAU UFPA, 2017).



Vivenda J. Marques

A Semana 1920



Chale Cardoso

Álbum de família cerca de 1930



Localização pelo Google Earth

Figura 6 – Vivenda J. Marques, 1920. Chale Cardoso, 1930. Fonte: FAU UFPA, 2017.

emocional e da alma. Cada signo corresponde a um dos cômodos da casa: há um touro no baú, um leão está brincando solto no quintal, um escorpião preso dentro do banheiro e uma lua dança na varanda de estar.

Leão rege o prazer, os romances, a criatividade, a autoexpressão, os filhos, aquilo que deixamos eternizados na vida, são os desenhos criativos, o poder de criar, gerar arte, é a segurança da identidade; escorpião, o banheiro da intimidade, o tabu, os assuntos e emoções proibidas, as minhas emoções e transformações. Está relacionado aos valores da vida-morte-sexo. É a segurança da alma e da emoção. Touro é aquilo que chamo de meu, seja bens materiais seja bens morais. E câncer é o cuidado materno, é o colo e a memória.

Lua 9 de Touro Baú	Elemento Terra	O Físico	Vênus	Primavera	Valor
Vênus 12 de Leão Quintal	Elemento Água	O Emocional	Sol	Verão	Poder
Marte 3 de Escorpião Banheiro	Elemento Água	O Emocional	Plutão	Outono	Valor
Sol 11 Câncer Varanda	Elemento Água	O Emocional	Lua	Verão	Tempo

A tríade da investigação astrológica consiste em Planetas-Signos-Casas. Os planetas significam os impulsos e as motivações, são os verbos de ação, por exemplo: marte afirma a vontade e os desejos de uma pessoa, júpiter expande e faz crescer toda boa sorte e toda sabedoria e proteção que a pessoa pode ter, saturno limita toda boa sorte e facilidade, implicando em esforço e trazendo necessidade de concretização das demandas na vida pessoal. Os signos significam as doze atitudes perante a vida, ou as doze qualidades análogas a cada signo. As casas são os campos de experiência e as áreas específicas dos assuntos que cada signo domina, como por exemplo: a casa quatro fala da intimidade, enquanto a casa cinco fala da criatividade. Em suma, os planetas mostram o que está acontecendo, os signos mostram como está acontecendo e as casas astrais mostram onde está acontecendo.

2.2. Arte e Vida – influências e confluências nas ideias

O poeta, ator e dramaturgo francês Antonin Artaud¹ (2006), no seu ontológico *O teatro e seu duplo*, compara o teatro essencial com a peste, não por ser contagioso, mas por

¹ Poeta, dramaturgo e ator. Nasceu em Marselha em 1896. Foi internado diversas vezes em hospitais psiquiátricos. Em 1939 ano de sua última internação no manicômio de Rodez permanecendo até 1946. Durante

ser uma revelação, uma exteriorização de uma crueldade dentro de um indivíduo. Ambos representam uma crise que se resolve pela morte ou pela cura. A linguagem concreta da cena, independente da palavra, é destinada aos sentidos, dessa forma, o teatro nasce de uma anarquia organizada.

No teatro de Artaud (2006), a arte é compreendida como campo em que se operam modificações ontológicas tanto no artista quanto em seu trabalho alquímico, ou seja, o processo criativo deriva de uma transformação que coloca em jogo o ser do artista como um todo. Não se trata de um culto ao “eu”, mas sim uma vivência da arte como um campo de investigação dos processos de transformação do próprio artista envolvido no trânsito e nas trocas possíveis entre o teatro e a performance. O papel do artista, nesse sentido seria o de rever as fronteiras entre a arte e a vida, extrapolar a construção de mundos ficcionais e rediscutir a sua postura diante de si mesmo e da sociedade, buscando um caminho próprio na forma de atuar no mundo.

Para Artaud, não se trata de suprimir o texto do teatro, mas mudar sua destinação para um sentido concreto e espacial do objeto do teatro, surgindo a ideia de poesia espacial que se confunde com bruxaria (ARTAUD, 2006, p. 80). É sob esse ângulo de utilização mágica da bruxaria que se deve considerar a encenação, são relações mágicas com o teatro. Para ele, o teatro é apenas um reflexo da magia e dos ritos, onde a sensibilidade é posta em um estado de percepção mais apurada e profunda. “O teatro, arte independente e autônoma, para ressuscitar ou simplesmente para viver, deve marcar bem o que distingue do texto, da palavra pura e articulada, da literatura e de todos outros meios escritos e fixos” (Ibid., p. 124).

O dramaturgo francês levou a encenação para vida, conhecido com a imagem do artista xamã, transformando-se de homem do teatro para homem-teatro. Para ele, o teatro ocidental deveria ser, antes de tudo, ritual e mágico. Artaud criticava a ditadura do texto e priorizava uma linguagem fundada no corpo, propondo uma reformulação da linguagem teatral a partir da reconexão do homem com a natureza, da rejeição do teatro como mero divertimento, da rejeição do teatro mimético, da psicologização, do abandono do verbo como base da ação teatral e o fim da encenação tradicional e ilusionista. O ato dramático é compreendido, então, como cerimônia mágica e mística em que o invisível é a magia do teatro em uma analogia do teatro com as práticas xamânicas.

Dentro do teatro ocidental grego, Sêneca é a grande influência para Artaud, que o considerava o maior autor trágico da história, um verdadeiro iniciado nos segredos. Artaud

todos esses anos, inclusive durante estar internado, Artaud nunca parou de produzir, escreveu peças, cartas e livros e montou espetáculos. Morre em 1948 em Paris (QUILICI, 2004).

queria provocar nos espectadores e nos atores a experiência de êxtase de “sair de si”, pois desse novo estado ele acreditava que surgiria um novo homem. A ação do xamã, assim como a do ator, é a transcendência, a passagem entre dois mundos, rompendo os limites, produzindo uma transformação orgânica, inter-relacionando corpo e psique e reintegrando o homem com o sagrado, ampliando desta forma os estados de consciência deste homem. A missão do seu teatro era revelar a verdadeira essência do homem; para ele, o estado de êxtase faz cair as máscaras da persona.

Segundo a professora e pesquisadora Wlad Lima (2005), “O ator é um ser que tem que acordar, para que veja que os outros estão dormindo... Artaud é um ser acordado” (LIMA, 2005, p. 201). Em seu livro *Dramaturgia Pessoal do Ator*, a pesquisadora diz que ser ator é ter a capacidade de enxergar a vida o tempo todo, para assim, ter consciência de si mesmo e buscar a sua essência. “O ator é um buscador de si” (Ibid., p. 79), e o teatro é um caminho que leva ao conhecimento de si, do outro e da vida, implicado no fazer artístico.

O trabalho sobre si não tem a intenção de ser uma tendência individualista ou narcisista, pois o teatro é uma arte coletiva por excelência, onde há a importância da alteridade no processo de criação. É na verdade um caminho próprio dentro do contexto relacional, com o objetivo de ultrapassar o sentido do si, ou do eu como algo permanente; não se trata de um trabalho de produção de subjetividade, pois a própria noção de si mesmo deve ser ultrapassada (ARTAUD apud QUILICI). Segundo Grotowski², o teatro é como um encontro, uma comunhão onde cada pessoa se refaz a partir do lugar onde se encontra.

O conceito de cuidar de si ou ocupar-se de si vem da Antiguidade Ocidental, estudado por Michel Foucault, onde somos convidados a nos afastar do magnetismo da vida comum, com ambições de prestígio social, profissional, desejos e poder. “Essa ideia se assemelha à coragem de um eremita para se afastar disso tudo e até da excessiva vida social, para se lançar no deserto de suas próprias emoções e solidão, silêncio interior e se encontrar consigo completamente acolhendo suas sombras” (QUILICI, 2015, p. 69).

Em seu livro *O ator-performer e as poéticas da transformação de si*, Quilici (2015) mostra que a maioria das escolas filosóficas da Antiguidade apresentavam disciplinas voltadas às práticas meditativas contemplativas e reflexivas que promoviam uma transformação ontológica do homem. A vida na Antiguidade era pautada na vida contemplativa, o conhecimento era indissociável do cuidado de si, no entanto, o modelo cartesiano ocidental e positivista de conhecimento pode ter sido um dos responsáveis pela dissociação da construção

² Jerzy Grotowski foi um importante diretor de teatro Polaco do século XX, trabalhou com treinamento psicofísico para atores e com práticas contemplativas. Fonte: Wikipédia.

de conhecimento com a modificação da própria existência. Quilici (2015) acredita que uma possível reconexão entre essas duas dimensões, a construção de conhecimento e o cuidado de si, ressurge hoje no campo das artes (Ibid., p. 105). Esse conceito fundamenta o pensamento dessa pesquisa, ao trazer a noção de Si-mesmo³, de Carl Gustav Jung⁴. A definição de Si-mesmo também é a representação que cada um carrega dentro de si mesmo de Deus (a divindade interior) (STEIN, 2006, p. 143).

2.3. O Quarto do Touro: meu Cosmo, meu Baú e minhas Luas



Figura 8 – O Quarto do Touro. Fonte: Felipe Pamplona, 2019.

O meu baú guarda dentro a lua, a grande maga. Nele estão representadas tanto as energias de câncer quanto de touro; câncer é regido pela lua, e minha lua é em touro. Touro é associado com a segunda casa, casa do elemento terra, do signo de touro, e quem rege é o planeta Vênus. A segunda casa é normalmente descrita como a casa dos valores, posses, dinheiro e recursos. Ela descreve aquilo que possuímos ou esperamos possuir, assim como os recursos ou atributos que, quando desenvolvidos, nos darão um sentido de valor, merecimento, segurança fornecida pela nossa identificação com a Mãe. A segunda casa é representada pela casa da autovalorização, e indica onde delimitamos o nosso espaço, e as

³ O centro, fonte de todas as representações arquetípicas e de todas as tendências psíquicas inatas para aquisição de estrutura, ordem e integração.

⁴ Psiquiatra e psicoterapeuta suíço que fundou a psicologia analítica e desenvolveu conceitos da psique humana e se debruçou nos estudos do homem pautados em conhecimentos como astrologia, tarô e inconsciente e sonhos. Conceituou importantes estudos como individuação, arquetipo e sincronicidade (HALL; NORDBY, 2005).

nossas coisas, o que é considerado nosso, bem como a construção de um sentido mais sólido do Eu ou do ego pessoal. Nela, reconhece-se a necessidade de termos um maior senso de nossas próprias habilidades, de termos algo que podemos chamar de nosso, e também de ter noção daquilo que gostaríamos de nos tornar. Necessitamos daquilo que podemos chamar de nosso. Precisamos também ter noção daquilo que gostaríamos de nos tornar.

O domínio da Lua está onde achamos ou onde brincamos de ser Mãe: queremos segurança, compreensão ou uma âncora em seu domicílio, ou talvez ofereçamos aos outros comida e manutenção neste campo de experiência. Certamente é onde ficamos em contato com o lado instintivo e emocional da vida e onde tendências e memórias úteis que mantêm a existência são mostradas. (SASPORTAS, 1985, p. 162).

Os bebês recém-nascidos normalmente não se percebem conscientemente separados do corpo das suas mães. É na casa dois que começamos a ter as primeiras noções de nosso corpo, das nossas mãos, nossos dedos; ela é uma indicação daquilo que constitui a nossa segurança pessoal e mostra aquilo que desejamos.

Nesta mandala, me atenho ao meu próprio mapa astral, a minha própria casa dois. A casa dois se figura como/ou se metaforiza como meu baú e está associada à Vênus e a Touro. Meu mapa natal aponta que eu tenho a lua em touro. Na astrologia, a lua é a Maga, é o cheiro de início de primavera, o chão em que ela pisa é firme de terra fixa e fértil que nutre e alimenta a alma. Ela representa os valores, os dons, as posses, a segurança material. A lua em touro representa as coisas a que nos apegamos, àquilo que possuímos ou que esperamos possuir, o dinheiro e o mundo material, o que valemos o desejo-natureza. A energia-desejo é uma força misteriosa e poderosa: o que desejamos, o que ou quem valorizamos determina aquilo que atraímos para nossas vidas.

Com minha lua posicionada na nona casa, casa de sagitário, localizada no signo de touro, a imagem de Deus tende a adotar uma tendência matriarcal. Assuntos como religiosidade e fé me aproximam da ancestralidade das minhas avós, representada pela imagem de Santa Sara, a santa que escolhi e que me escolheu. Sagitário é o signo que se encontra no meu fundo do céu, na casa quatro que representa as relações que a gente trama com o passado, a infância e a memória, a existência daquilo que está dentro do útero: as minhas mulheres ancestrais dentro de mim, assim como eu dentro da minha mãe, minha mãe dentro da minha avó e minha avó dentro da sua mãe.

Essa pesquisa mobilizou em mim uma escavação profunda desse fio ancestral feminino, o qual se desenrolou em algumas memórias relacionadas à minha vó materna. Minha mãe sempre se referia a ela como uma mulher muito fogaosa, e de fato, Dona Luci teve

vários amores. Trago registrado duas imagens fortes de sua personalidade: lembro de seu hábito de higiene; ela nunca fazia uso de sabão nos seus asseios íntimos, somente com água; outra característica da vovó é seu gênio impetuoso; os familiares contam que ela certo dia, ao saber da traição de seu companheiro, foi até a porta da casa da amante munida de facão em punhos, com o qual riscava o concreto chão; disparando altos xingamentos e desafiando, em fúria, a tal amante.



Figura 9 – Meu desenho sobre a ancestralidade das mulheres da minha família. Fonte: Lu Borges. O Baú-Útero. Meu cosmo, minha casa e minhas luas, 2018.

Carta de minha lua mãe e avó, de dentro do meu baú



Figura 10 – Lua de Casa 9 em Touro. Fonte: Felipe Pamplona, 2019.

“Sozinha, na minha ostra, nesta tarde úmida de verão amazônico, ainda me pergunto: de onde eu venho? Não é de hoje que desejo conhecer minha origem, minhas raízes, minha ancestralidade, e parece que sou a única na família a querer fazer isso. Sempre tive atração em ser uma espiã. Meus parentes nada sabem sobre seus antepassados. Mas, ainda me encontro aqui olhando as fotografias da minha distante família materna, e penso em desistir de usá-las nessa pesquisa, pois parece falso, já que não há convivência entre nós, apesar de sentir afeto ao fitá-las, apesar da maioria dessas mulheres estarem com os olhos e caras tristes. E penso que não quero regar essa semente de ferida feminina; desse ar de descontentamento, vejo as lágrimas pelas fotografias, são lágrimas de tristeza, e não quero essa herança. Quero sim desmontar essa herança de dor em leveza e desapego ao amargo passado. Olho através da imagem congelada os olhos fundos e tristes de minha avó, e lembro vagamente dela, uma ariana em fúria e impaciente, mas sensível e apegada ao seu companheiro bêbado que a agredia frequentemente em estado alcoólico.”

Lu Borgges, abril de 2018.

3. O QUINTAL DE BRINCAR DO LEÃO

Embora a casa cinco, do signo de leão, esteja atrelada a um arquétipo solar, de princípio masculino, eu a considero de fundamento feminino, pois carrega em sua origem a energia da criatividade. Segundo a psicanalista junguiana Clarissa Pinkola Estés, esse lugar de gerar e de criar é próprio do self da mulher selvagem, uma força arquetípica que está associada às feiticeiras, curandeiras e bruxas. Em seu livro *Mulheres que correm com os lobos*, a escritora faz um estudo dos arquétipos⁵ femininos no processo de individuação⁶ e analisa a interpretação de dezenove lendas, histórias antigas e mitos, extraindo o que ela denomina por arquétipo da Mulher Selvagem. A autora afirma que esse arquétipo é a essência feminina em sua psique instintiva mais profunda, o self instintivo inato, a natureza intrínseca inerente às mulheres, é a origem do poder criativo do feminino.

A casa cinco está associada aos instintos e a espontaneidade, isso remete ao lugar do animalesco, ao saber lidar com os aspectos sombrios. E assim procedendo, também se passa a lidar com a magia, que em sua essência é feminina. “O desenvolvimento de uma relação com a natureza selvagem é uma parte essencial da individuação da mulher. Para que isso possa se realizar, a mulher precisa penetrar nas trevas.” (ESTÉS, 1994, p. 63). “Não importa onde estejamos, a sombra que corre atrás de nós tem decididamente quatro patas” (ESTÉS, 1994). Esse fazer espontâneo e criativo de quatro patas, ligado a um instinto animalesco e sombrio, habita o quintal do Leão. É como brincar com bruxaria, uma força que é menos religião e mais manipulação de magia, que nada mais é que a energia direcionada para atender alguma necessidade, e nesse caso, para o fazer artístico.

Minha Vênus, planeta de essência feminina, está em leão, signo que está representado pelo sol, energia masculina. Nesta mandala, coloco leão em meu quintal, lugar da infância e da criatividade, é o lugar do prazer dado e recebido, do amor dos romances com outras linguagens, o poder de gerar arte-expressão.

É na casa cinco de leão que estão os filhos que deixamos no mundo, os artísticos, os quais representam a afirmação da segurança da identidade, da autoestima com diversão e alegria, é a casa social da autoafirmação enquanto artista. A casa cinco é o palco, o palco da vida, é a fonte da criação, é no quintal onde brincando invento minhas danças e escrevo meus poemas, traçando os meus desenhos.

⁵ Um padrão potencial inato de imaginação, pensamento ou comportamento que pode ser encontrado entre seres humanos em todos os tempos e lugares. (STEIN, 2006).

⁶ O processo de desenvolvimento psíquico que leva ao conhecimento consciente de totalidade da psiquê. Não confundir com individualismo. (STEIN, 2006).

Na quinta casa, revelamos nossa identidade, o fogo ali presente é alegremente abanado pelo self. Neste sentido, o Sol é como o ego pessoal ou o eu, o centro da consciência ao redor do qual os diversos aspectos do self rodeiam. É a casa da nossa criança interior. A necessidade de nos distinguirmos como únicos e especiais.

Nela, está o desejo de produzir criativamente, é onde o self se manifesta na ânsia da autoexpressão artística. Aqui residem as buscas que nos dão a alegria de estarmos vivos, que envolvem nosso coração e todo nosso ser. Por isso, é uma casa relacionada ao lazer, ao brincar, ao prazer, ao romance e com tudo o que faz ferver nosso sangue, o sexo, a atração. Na casa cinco mora a criança que existe dentro de nós e como projetamos nossa relação com as crianças de nosso convívio.

3.1. O lúdico – influências e confluências nas palavras

Durante a pesquisa-criação foram produzidos escritos e desenhos de diferentes naturezas com as influências e confluências que interferem e determinam as minhas composições artísticas. Durante minha vida, não me foram estimulados os canais artísticos do desenho, da escrita criativa, do lúdico das ilustrações, das artes visuais e das artes em geral. Talvez por isso, esse trabalho me mova no sentido de me reconhecer enquanto artista e curar minha autoestima ferida e disfarçada de timidez. Sempre carreguei a ideia de que eu não sabia desenhar. Quando eu tentava desenhar, mais as figuras me remetiam a traços infantis e, dessa forma, eu as escondia. Mas, hoje percebo que ao fazer isso, eu também me escondia. Por isso, como parte do processo de autodescoberta e criação desta pesquisa, tomo a liberdade de compartilhar alguns dos poemas que esbocei em minhas experimentações no quintal do leão, quando em meu vagar com esse bicho solar de raízes femininas, eu pude colocar minhas palavras em movimento e minha dança lúdica em expressão:

*Primeira dança:
Quando a Leoa Afrodite encontra as águas de Peixes*



Figura 11 – Quando a Leoa Afrodite encontra as águas de Peixes. Fonte: Felipe Pamplona, 2019.

*O sol é um pintor.
Disse-me uma alma de menino artista.*

*É verdade, mas é também uma rainha-
pintora. Oxum. Colorindo nossa cara com
sua paleta de cores quentes: dourado,
laranja, vermelho, e rosa-choque.
Derretendo nossas águas em rios de suor
doce fétida rua do mangue, és a fonte. És
vida. Na rua, oito pés descalços dançam a
composição das máscaras.*

*O encontro. O rito. A criança. O passado.
Os instintos de quatro patas, sim, não são
mais oito pés, mas dezesseis. Nua, a lua
rege o passado, a ancestralidade como
herança emocional.*

*Como um porão que é convocado a
revelar os seus segredos. Onde a maga lua
é a própria sacerdotisa, enquanto fora de
casa é a atriz e a poetiza. Apesar dos
machos preferirem ela sendo babá.*

*Jamais! A lua é o útero, é a alma, é o olho
direito da mulher (incrível como enxergo
melhor com esse olho, no entanto, o meu
olho esquerdo é embaçado, a miopia
sempre foi mais extenuada lá). A lua é a
tua mãe!*

*Não conheço o meu cordão umbilical.
Sempre desejei muito, não atingindo
sucesso, apesar do medo, sim tenho medo.
A parca memória da areia soprada ao
vento:*

*(Faço parte da primeira geração a
chegar ao nível superior nos estudos, em
uma família com analfabeto-funcionais e
analfabetos).*

A loucura. Lilith.

As Luas.

Que se comunicam com os mortos.

Putas.

*Cabarés do asfalto das mangueiras às
areias de Copacabana.*

*O cosmo sabe tudo. Terei que retornar
aqui para saber. Mas antes de partir, bem*

*que o vento mercurial poderia me revelar
um pouco. É verdade que eu não morro de
amores por ti Dermond, pois tu só me
atiças os cachos e revolta minhas marés
cheias, mas é contigo que aprendo a
exercitar o desapego. E te com sidero
(consideração)do verbo sideral.*

Lu Borgges, 20/05/18

***Segunda dança:
Sobre mijar fora do vaso***

Meninos na saia da mãe

*Pensam que aprenderam a amar as
mulheres*

Mas a era de aquário não brilhou ainda

Não são libertários. São otários

Capitalistas

Não há coisa mais burguesa que traição

Em não se conhecer

Em querer mudar a sociedade

Mas sem se mudar

O interior

Só cidade

Só vaidade

De playboys

De bike

Que filme você irá rodar hoje?

Qual a película que vais mudar?

*Você escolhe ver sempre o mesmo filme
arte nouveau*

Pós-punk revolução

Primavera de praga

De bruxa.

Lu Borgges, 31/05/18

Terceira dança: Meu pai

<i>Fecha a perna menina!</i>	<i>Começo a estranhar as coisas</i>
<i>Tu és doida é?</i>	<i>Que sempre estive acostumada</i>
<i>Fala-me meu pai</i>	<i>Meu pai sempre pede para eu</i>
<i>Enquanto me sento a brincar e a fotografar o pintado</i>	<i>Sentar direito</i>
<i>Na varanda do quintal</i>	<i>Fechar as minhas pernas</i>
<i>Fico me perguntando se os pais das minhas amigas costumam falar assim com elas também?</i>	<i>Já me acostumei</i>
<i>Costumam?</i>	<i>A escutar</i>
	<i>Mas nunca me acostumarei a obedecer</i>

Lu Borgges, 31/05/18

**Quarta dança:
Sobre perros, crianças e geminianos**

<i>Dos perros o que mais me encanta é a curiosidade</i>	<i>A curiosidade os leva a brincadeira</i>
<i>A curiosidade deles me lembra jumeaux</i>	<i>A curiosidade é mãe dos verbos brincar, criar e imaginar</i>
<i>Geminianos são curiosos</i>	<i>Brincar de ser jovialidade sempre</i>
<i>Crianças são curiosas</i>	<i>Inteligentes natos é a trindade</i>
<i>Cachorros, crianças e geminianos gostam de brincar</i>	<i>Me gusta deles</i>
<i>A essência sim</i>	<i>Cachorros</i>
<i>Da alegria</i>	<i>Crianças</i>
<i>Do bom humor</i>	<i>E geminianos</i>

Lu Borgges, 31/05/18

3.2. O lúdico – influências e confluências nos desenhos (Baralho Pessoal Cigano)

CARTA 0: O CURUPIRA

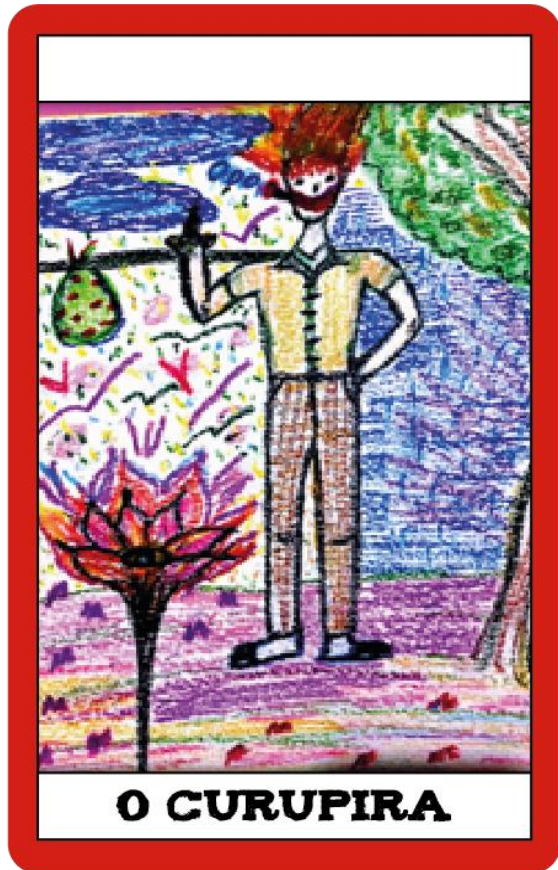


Figura 12 – Narrativa de um sonho, a visão de um porteiro de um prédio em São Paulo.
Fonte: Ilustração de Lu Borgges, 2013.
Design da Carta: Carol Abreu.

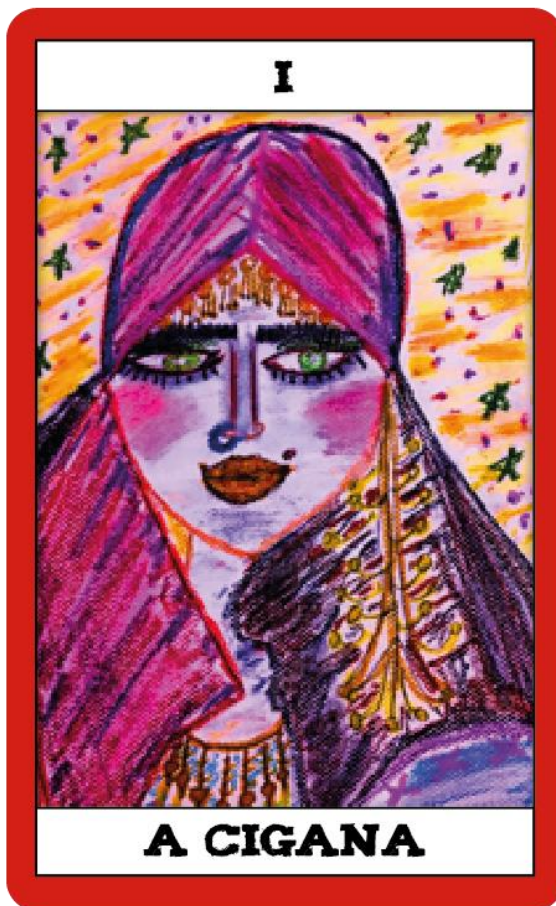
O Curupira significa estar aberto, apostar, se jogar no mundo e em novas experiências, é a representação do estado mínimo de racionalidade e pouco espaço para temer e mais espaço para ousar, arriscar. Esse arquétipo/símbolo significa o próprio errante, o artista que se quer no simples ato de fazer; é a criação pura, a voz da nossa criança interior que brinca.

Esta imagem nasceu para mim durante uma viagem para São Paulo, em 2013. Foi *no sol de quase dezembro*, embriagada pela energia artística do curupira que eu arrumei minhas malas e parti para capital paulista, em um espírito de aventureira. Durante minha estadia estive hospedada no apartamento de um amigo conterrâneo, localizado no centro da cidade.

Nesse edifício trabalhava um porteiro que mais parecia ser um exemplo vivo do arquétipo/ou figura do Curupira. Ele era amigo dos moradores desse apartamento e frequentemente nos visitava e ficávamos horas e horas a conversar. Numa dessas conversas despreziosas, ele me revelou que já havia encontrado com o Curupira. Contou-me que ele havia feito uma viagem para o Acre, na Amazônia e, certa vez, ao adentrar pelas matas, ele se encontrou com o Curupira. Narrou-me com tamanha riqueza de detalhes as características da criatura, que não pude duvidar da veracidade de seu relato. Seu Mário descreveu-me as vestes, os pés, o cachimbo da entidade, e uma visão que teve com uma grande flor de lótus mágica, talvez fosse uma espécie de vitória régia. Aquela imagem ficou tão fortemente grafada em

mim que não tive como não transmutar para o papel, e então me pus a desenhar; talvez como forma de registrar o tempo, a memória daquele homem. No outro dia eu mostrei o desenho a ele e, para meu espanto, ele se assustou com tamanha semelhança; disse-me que o que eu havia desenhado era exatamente o Curupira que ele havia encontrado, ou sonhado, nas matas das bandas de cá do norte brasileiro: a Amazônia e seus mistérios.

CARTA I: A CIGANA



A cigana Salomé é um arquétipo feminino que me acompanha a sombra desde antes desta dissertação. No ano de 2015 durante a conclusão do primeiro ano do curso de técnico em ator da Universidade Federal do Pará, eu criei uma performance sobre essa cigana. Atualmente, costumo consultar o oráculo com uma cigana. Aqui, a imagem da Cigana, significa ação e iniciativa e acima de tudo, magia. É aquela voz sábia que se comunica conosco, e nos auxilia a decifrar as encruzilhadas da vida.

Figura 13 – Cigana Salomé.
 Fonte: Ilustração de Lu Borgges, 2013.
 Design da Carta: Carol Abreu.

CARTA II: A BRUXA

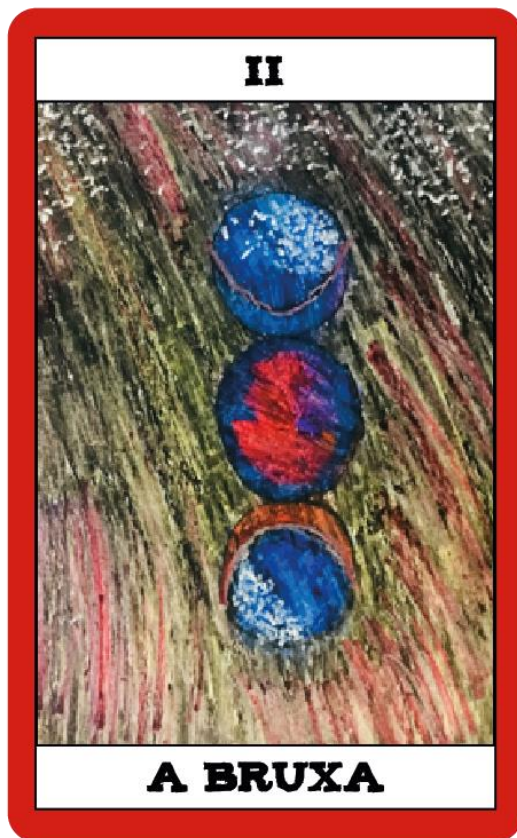


Figura 14 – A Mãe, a Lua.
 Fonte: Ilustração de Lu Borgges, 2013.
 Design da Carta: Carol Abreu.

Em 2018, iniciei de forma mais sistemática meus estudos sobre astrologia, e desde então me senti chamada a desenvolver minhas habilidades artísticas, frustradas na infância. Então me dediquei a ilustrar os planetas e o sistema solar.

Na carta A Bruxa, a lua me representa enquanto mulher, e também a própria deusa em sua trilogia: a donzela (lua crescente), a anciã (lua minguante e nova) e a mãe (lua cheia). A lua é a feiticeira, o arquétipo da bruxa, do poder da intuição, da sabedoria, da paciência, do saber o tempo das coisas amadurecerem e da espera da colheita certa. Ela traz a força da aceitação e da resiliência, da sabedoria em ouvir os sinais.

É uma carta que diz muito do tempo de silenciar a alma, das leis e das regras interiores. É o lugar dos sentimentos e instintos profundos. É a sacerdotisa. É o poder feminino, é o poder da água, das lembranças infantis, é a gravidez, o parto, a mãe. A criação fértil e mutável.

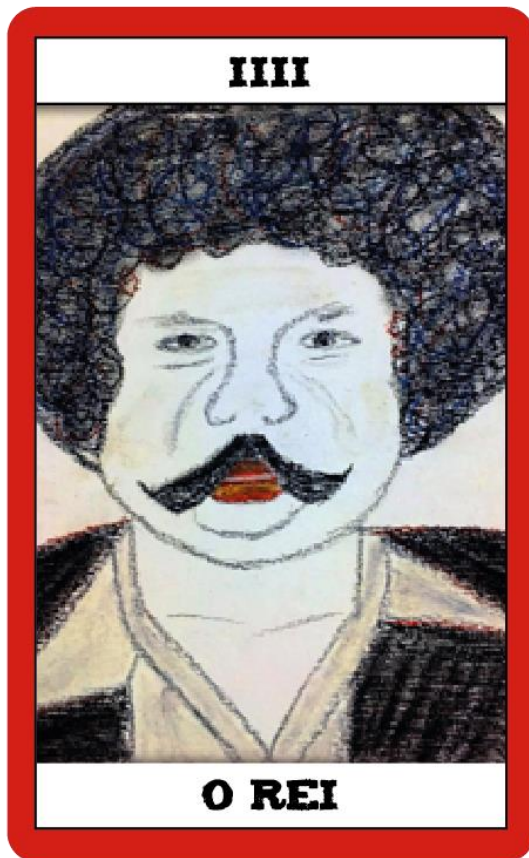
CARTA III: A RAINHA



Rita Lee é uma grande influência musical, artística e pessoal em minha formação. Militante dos direitos animais, feminista e dona de uma personalidade inspiradora. É um desenho em versão camponesa da cantora. Para mim ela representa cabalmente o arquétipo da imperatriz, da Madona, a grande mãe natureza. Representa ação, os projetos sociais, algo novo, a vivacidade. O deboche, a militância na luta pelos direitos das mulheres. É a confiança na sabedoria da natureza fértil. Rita é mamãe natureza que me alimenta e nutre a criatividade e me inspira o ser artista. Ela é Vênus. Mulher visionária.

Figura 15 – Rita Lee Camponesa: Influência artística.
 Fonte: Ilustração de Lu Borgges, 2013.
 Design da Carta: Carol Abreu.

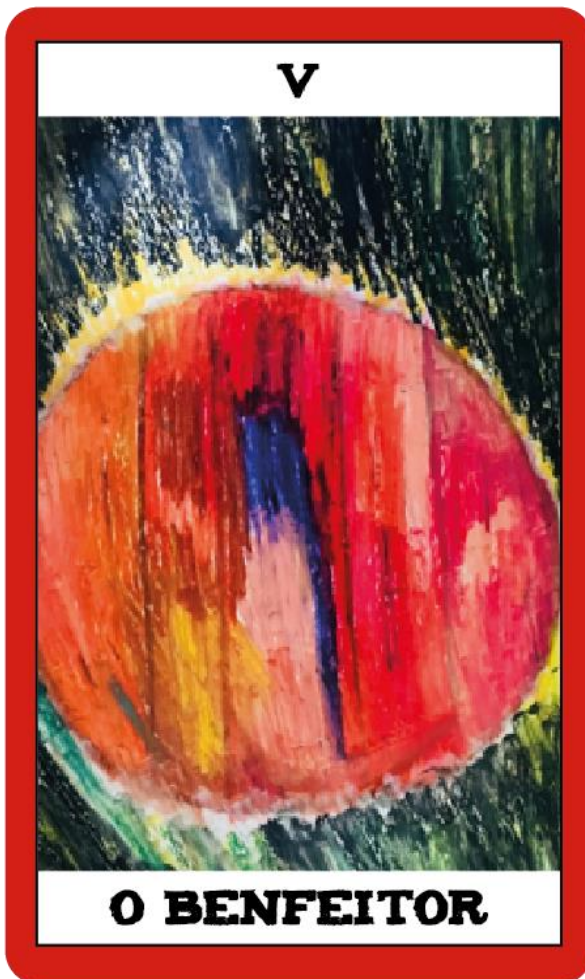
CARTA III: O REI



Se Rita Lee é a minha rainha, Tim Maia é o rei. Imperador dos exageros, rei da vida exagerada de prazer e de viver apaixonadamente; da realização e da perseverança em atingir seus reais objetivos. Mas, ao mesmo tempo, para mim, Tim é a imagem da intensidade de viver, da passionalidade e às vezes da não coerência em seu reinado, é um eterno apaixonado venusiano. O Rei invoca concretude e realização, pois é um conquistador de seu espaço e sucesso. É uma das minhas grandes paixões musicais e também uma bruta flor de personalidade forte que inspira o meu fazer e ser artístico.

Figura 16 – Tim Maia: Influência artística.
Fonte: Ilustração de Lu Borgges, 2013.
Design da Carta: Carol Abreu.

CARTA V: O BENFEITOR



O planeta júpiter é conhecido como o grande benfeitor, pois nos encoraja a confiar e a expandir. Ele convoca nossa espiritualidade e sabedoria. Esse planeta aponta onde teremos sorte e abundância no nosso mapa astral. O Benfeitor nos dá proteção e conhecimentos religiosos. É um planeta do exagero e dos gestos largos e joviais. Júpiter simboliza o protetor, representa o patrono das artes, da ciência ou o ensino, o religioso, o professor e o educador. Ele trata, fundamentalmente, de crescimento, abundância, expansão, otimismo, confiança e fé.

Figura 17 – Júpiter, Zeus.
Fonte: Ilustração de Lu Borgges, 2018.
Design da Carta: Carol Abreu.

CARTA VI: A SEREIA



Esse ser mitológico representa a união das cartas I e II, da Bruxa e da Rainha, uma mulher com cauda de peixe, que carrega o poder da intuição e da criação da Deusa. Em A Sereia, o coração é o guia mestre das tomadas de decisões.

Para compor a figura dessa carta, eu me inspirei na obra do artista plástico austríaco Gustav Klimt, intitulada Danae. Esta obra sempre me remeteu a algo etéreo e onírico, algo do mundo das sereias e das fadas. Ao contemplar sua tela, sinto a sensualidade retratada como um ato sexual ou um orgasmo. Carta dos amantes.

Figura 18 – Sereia. Inspirada na Obra Danaë de Gustav Klimt.
 Fonte: Ilustração de Lu Borgges, 2018.
 Design da Carta: Carol Abreu.

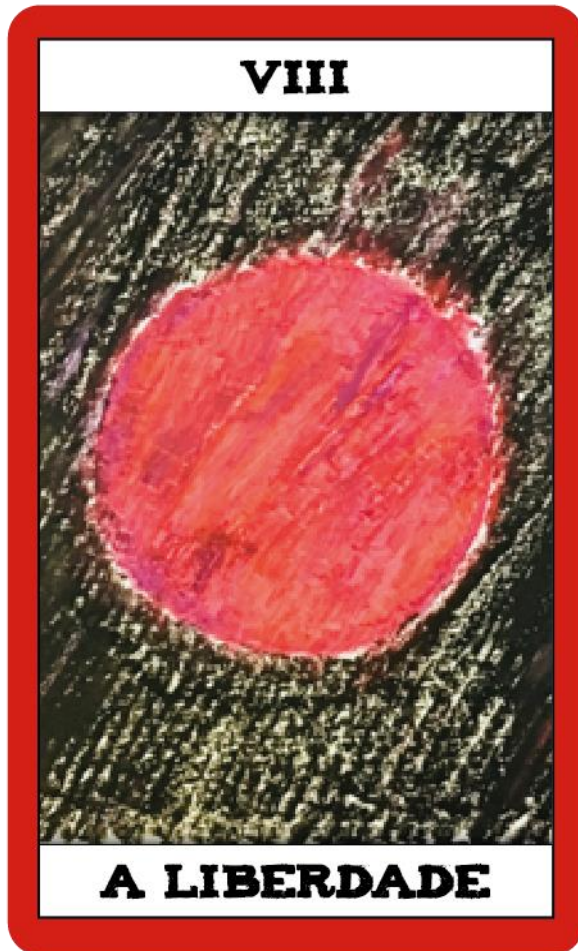
CARTA VII: O AVIÃO



O planeta Mercúrio é comparado na mitologia com o Deus Hermes Trismegisto, o responsável pela comunicação entre a terra e o céu. Mercúrio é do elemento ar, da agilidade e perspicácia, e para que tenha um bom funcionamento é necessário que esteja sempre em movimento. Quando a energia de Mercúrio se encontra estacionada, a comunicação falha e gera maus entendimentos. Aqui, ele é o meio que nos locomove para nossa autodescoberta.

Figura 19 – Mércurio, Hermes Trismegisto.
Fonte: Ilustração de Lu Borgges, 2013.
Design da Carta: Carol Abreu.

CARTA VIII: A LIBERDADE



O planeta Urano fala sobre libertação, inovação e rompimento. Ideias originais, mudanças súbitas. É a responsabilidade dos nossos atos e das nossas escolhas. É o planeta mais excêntrico, representa rebeldia e o desvio da ordem estabelecida, ultrapassar fronteiras. É a era de aquário, o sonho da juventude, da novidade. Para mim, simboliza a época do movimento hippie, por exemplo. Também, Urano remete às pesquisas científicas, pois sua energia envolve criação, experimentação e descobertas.

Figura 20 – Urano, Aquário.
Fonte: Ilustração Lu Borgges, 2018.
Design da Carta: Carol Abreu.

CARTA VIII: O TEMPO



O planeta Saturno aponta para o meio-do-céu, o tempo certo do ponto mais alto das nossas conquistas e de onde queremos chegar. É a sabedoria do silêncio, é o momento de saber se retirar, se recolher. É preciso tempo para se amadurecer e se estruturar e concretizar. É o crescimento, e também o sacrifício e o esforço. É a imagem do velho e sábio solitário tempo.

Figura 21 – Saturno, o Tempo.
Fonte: Ilustração de Lu Borgges, 2018.
Design da Carta: Carol Abreu.

CARTA X: A VONTADE DO EU



O sol, o nosso destino se revela silenciosamente. Energia vital do ser, a identidade. O espírito solar. É quando nos tornamos reis de nós mesmos. É a realização da nossa essência, da nossa vontade do Eu. Quando falamos do signo de indivíduo, estamos nos referindo à posição do sol em seu mapa astral. Se uma pessoa é ariana, logo seu sol está apontado para Áries. O sol é o espírito, no sentido de ser nossa mais profunda verdade. Quando estamos alimentando nosso sol dizemos que estamos no caminho certo, no caminho do sol, e não estamos nos escondendo sob máscaras. Estamos alimentando nosso espírito, indo ao encontro do nosso Eu.

Figura 22 – O Astro Rei, o Sol.
Fonte: Ilustração de Lu Borgges, 2018.
Design da Carta: Carol Abreu.

CARTA XI: A SERPENTE



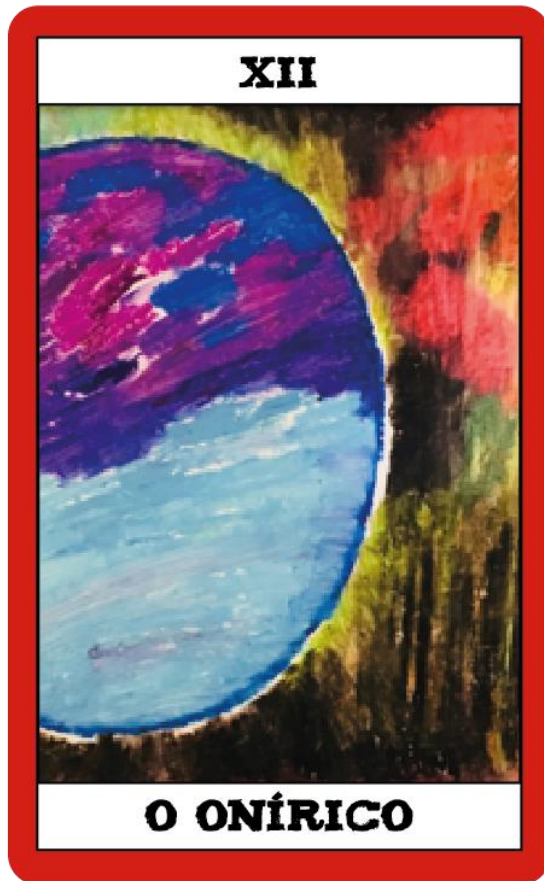
Figura 23 – Narrativa do sonho de uma amiga do trabalho.

Fonte: Ilustração de Lu Borgges, 2013.
Design da Carta: Carol Abreu.

Essa carta ilustra a descrição de um episódio ocorrido em uma cidade do interior do Pará, que me foi narrado por uma colega de trabalho durante nosso expediente. Ela me contou que sua parente criava uma grande jibóia desde quando era pequena. Essa mulher teve um bebê, e durante a noite enquanto amamentava seu filho, percebeu que a cobra estava no lugar do seu bebê, talvez atraída pelo seu leite. Essa imagem me instigou e me pus a registrar o desenho. Essa carta fala do nosso lado instintivo primitivo e animal, da força indomada do inconsciente. Ela indica que precisamos nos conscientizar dessa natureza e fazer as pazes com ela. A Serpente fala de autoconhecimento e autocontrole das nossas sombras, da criatura selvagem não domesticada e imprevisível que existe em nós.

Ela ajuda a lidar com essa força como nossa companheira por toda vida, e dessa forma, estabelecer contato com os nossos animais através dos nossos sonhos. O arquétipo da Serpente indica a necessidade de amar nossos bichos interiores, seguir nossos desejos, extravasar nossas energias, mostrar nossas garras.

CARTA XII: O ONÍRICO



Netuno é o senhor dos sonhos, da imaginação e da fantasia, por isso muitas vezes é associado como o pai do cinema. São os óculos cor de rosa choque, que ao invés de melhorar a visão, faz com que vejamos a vida sob uma ótica romântica. Ou seja, o planeta simboliza a área da vida em que há tendência à ilusão e à fantasia. Ele representa o sacrifício do sagrado poder de se desenvolver e mudar visões de mundo, de cuidar da espiritualidade. Mas também fala de crises e confusão, caos.

Figura 24 – Netuno, o Pai do Cinema, do Vídeo e da imagem.
Fonte: Ilustração de Lu Borges, 2018.
Design da Carta: Carol Abreu.

CARTA XIII

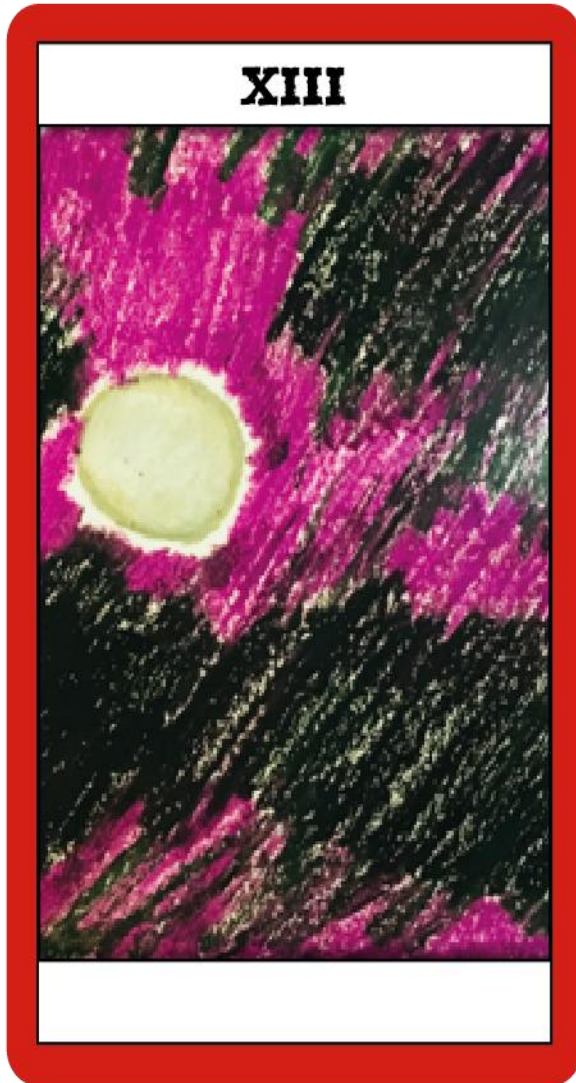


Figura 25 – Plutão, Escorpião.
 Fonte: Ilustração de Lu Borgges, 2018.
 Design da Carta: Carol Abreu.

Plutão é a transformação e renascimento através da morte. É a passionalidade, o sexo, a decomposição e regeneração. É a despedida do que se deixa para trás e se abre mão para o novo. É a carta sem nome, até pelos tabus que ela representa, como a morte dos ciclos e dos eus. Ela nos aponta que é preciso desapegar dos aspectos da nossa vida que já não fazem mais sentido algum. Essa morte significa, muitas vezes, o desmembramento de antigas ideias, da personalidade e dos pontos de vista que não nos preenchem mais. Essa carta nos informa que é chegada a hora das podas dos velhos conceitos e da maturação do novo. Nesse intervalo, vivemos um luto que mais se refere a uma nova fase da jornada do autoconhecimento. É uma carta que nos convida ao exercício de conexão com as duas criaturas únicas que não temem a morte: a criança e o louco.

É importante, então, reconhecermos o essencial da nossa bagagem existencial. Para mim, esta carta se apresentou durante o parto, no nascimento de minha filha, Serena.

4. O BANHEIRO DO ESCORPIÃO

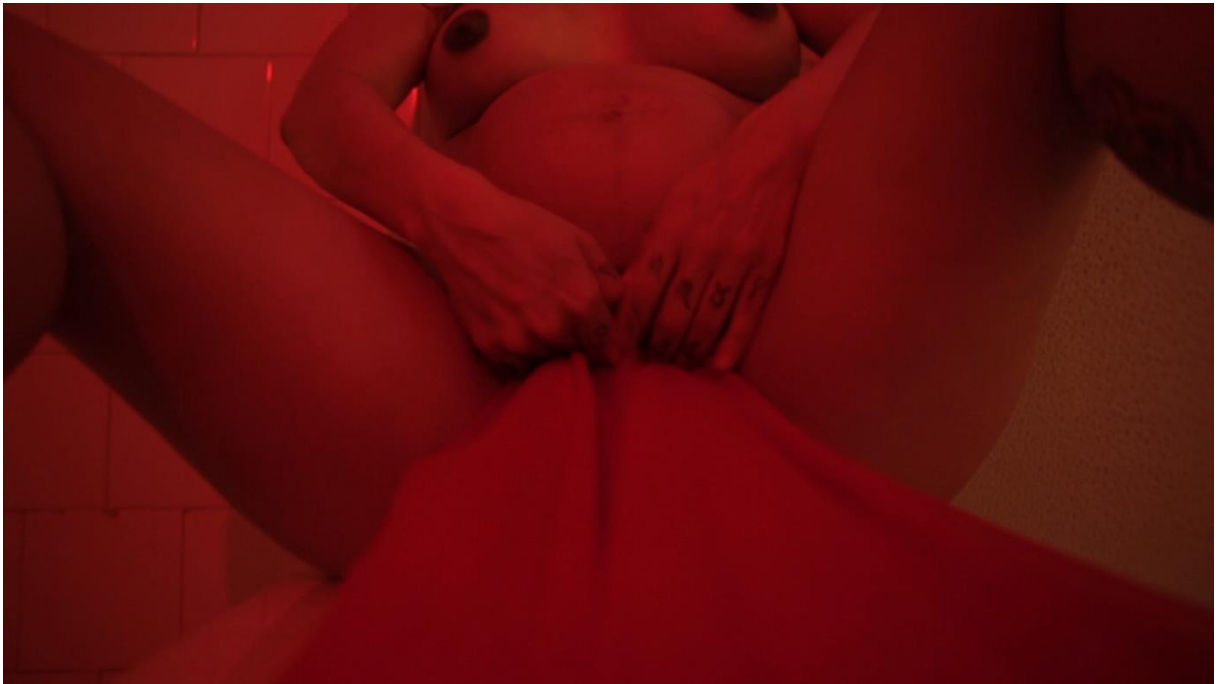


Figura 26 – O Banheiro do Escorpião. Fonte: Edson Palheta, 2019.

O banheiro do escorpião é a criança cheia de raiva que existe dentro de nós. A oitava casa está naturalmente associada a Plutão e a Escorpião, sendo também conhecida como a casa do sexo, da regeneração e da morte. Uma vez que ela é oposta à segunda casa, a casa dos meus valores costuma ser chamada de a casa dos bens dos outros. Os signos e os planetas na oitava casa sugerem como nós lidamos com o nosso dinheiro e heranças no casamento. A casa oito é a essência dos relacionamentos: aquilo que acontece quando duas pessoas se encontram em profunda relação íntima. “A Morte física ou a morte da identidade do ego, como morremos ou enfrentamos transições. A descoberta daquilo que é indestrutível em nós. O plano astral: nossa sensibilidade a planos invisíveis ou intangíveis da existência”. (SASPORTAS, 1985).

Na mitologia greco-romana, Perséfone é raptada para o submundo por Plutão, o deus da Morte e planeta regente do signo de escorpião. Ela se casa com ele e retorna ao mundo transformada, uma mulher madura. Relacionar-se profundamente com outra pessoa gera uma espécie de morte, é um deixar-se ir e ultrapassar as barreiras do nosso ego. Nosso eu morre e renasce como Nós. Da mesma forma que Perséfone, mergulhamos no universo alheio através do relacionamento. No sexo e na intimidade expomos e compartilhamos parte de nós que normalmente fica escondido, nos abandonamos para nos fundir com o outro, o orgasmo é tido como a "pequena morte". Segundo o astrólogo norte-americano Howard: “muito de nossa

natureza sexual é mostrada pelos posicionamentos da oitava casa, em nosso mapa.” (SASPORTAS, 1985, p. 71).

Quando criança, nós vivenciamos nossas primeiras experiências de relacionamento com nossos pais. Em nossa profundidade, todos nós temos uma criança ferida e furiosa dormindo dentro de nós. Na fase adulta, quando temos nossas vontades frustradas e ideias contrariadas, sobretudo no campo dos relacionamentos amorosos, de alguma maneira, é uma tendência que essa criança ferida acorde.

Em um relacionamento muito intenso, descemos às profundezas do nosso próprio ser para descobrir nossos instintos, nossas necessidades de poder e controle. Somente reconhecendo e aceitando "o bicho" que existe em nós é que poderemos transformá-lo. É difícil a mudança daquilo que não temos consciência, ou daquilo que condenamos. As feridas da infância são trazidas à tona na oitava casa. Esta casa “é um exercício de autoconhecimento para nos libertar para seguirmos nossa jornada.” (SASPORTAS, 1985, p. 73).

Na mandala astral dessa pesquisa, intitulei a casa oito como *O banheiro de escorpião ou sobre quando ponho minha loucura para dançar*. Na minha criação cosmo-poética, sua cor é roxa e faz alusão ao meu marte natal que é em escorpião. Também uso essa mesma cor nas lingerie e no batom, o roxo: o auge do outono agudo, a cor do sangue preso, da crise, do choque, do baque, das batidas que machucam, do hematoma roxo da queda, mas também das marcas gravadas na pele de uma noite de sexo.

Se a casa oito é como somos na nossa intimidade, o banheiro é talvez um cômodo que por si só pode representar uma casa mais íntima que o nosso próprio quarto; é onde podemos guardar aquilo que é proibido como um tabu. Escorpião rege os órgãos sexuais e a casa oito é o sexo, o falo, a buceta, as crises emocionais da alma, mas principalmente, significa a transformação. A imagem mitológica da fênix é emblemática para representar escorpião, que das suas cinzas crises, sempre retorna transformada, ainda mais forte e poderosa. Sou filha de uma escorpiana, e desde cedo percebi a ligação entre esse povo e o sanatório. É a casa das doenças agudas, de todos os fins da vida, dos ciclos. Escorpião é a própria cura, regeneração e renovação. Minha mãe não entra em barcos, se apavora ao temer morrer afogada, mas pariu uma nadadora profissional.

Os escorpianos são os filhos da loucura, da loucura do carnaval, época em que estão sendo gerados para, normalmente, serem paridos no mês de novembro. O fato é que os escorpianos que cruzaram e cruzam meu caminho, quase todos em algum momento por algum segundo enlouqueceram de tanta poesia, eles são da água, mas não nadam bem, e se afundam nas emoções das águas agudas.

A casa oito está no eixo dos valores, tanto dos valores alheios como dos nossos valores. Ela diz respeito ao eixo da segurança emocional e da alma. É a casa regida por plutão e marte. Marte é a guerreira que luta pelo seu espaço e também o marciano deus da guerra, da ação, da iniciativa, do interesse sexual, o guerreiro defensor, a agressividade, a determinação dos escorpianos.

A casa oito é a casa oposta e complementar a casa dois taurina, e fala do eixo dos valores, dos valores alheios presentes na voz da minha avó que narra sua vivência sexual com meu avô, nos azulejos frios e íntimos do banheiro, que se torna um encontro coletivo de revelação privada. Tudo isso começou lá atrás quando eu quis conhecer mais profundamente os tabus em torno da minha constituição familiar, principalmente os tabus sexuais e de doenças mentais envolvidos em meu seio familiar.

4.1. Tabus, sexualidade e intimidade familiar



Figura 27 – Casa 8. Fonte: Edson Palheta, 2019.

Nunca tive o costume de conversar sobre sexualidade com minha mãe e minhas tias, somente com minha avó paterna, a qual certa vez me revelou que, ainda na adolescência, minhas tias e minha bisavó materna haviam sido prostitutas, em especial a minha bisavó que por toda a vida se assumiu como profissional, no bairro da Campina. Elas arquitetaram a família com o dinheiro oriundo das relações de poder e sexo. A própria Casa desta pesquisa, o chalé número treze, é oriunda da buceta de minha tia, irmã mais velha de meu pai.

Minha tia conheceu o seu então esposo nas noites carioca, meados dos anos 70. Quando casou, eles tiveram um filho o qual, juntamente com a mãe, herdou a casa em Mosqueiro. Antes de ir morar no Rio de Janeiro para trabalhar na noite, minha tia trabalhou lavando banheiros públicos, em Belém. E é exatamente no banheiro que me joga nessa narrativa de intimidade, lugar que acolhe os dejetos, as excreções humanas, a sexualidade e os tabus sociais.

Em 2016, quis compreender mais profundamente e conhecer as histórias das mulheres da minha família, da minha ancestralidade e genealogia femininas. Além de me deparar com narrativas fortes sobre a sexualidade, os casos de loucura e insanidade estão bem presentes nessa linhagem parental, fato que, para mim, por longo tempo se mostrou/se mostra como uma ferida aberta. Embora eu sinta que essas duas instâncias, loucura e sexualidade, possam estar relacionadas à casa oito, decidi me reter no tema da sexualidade, pois nele evoco não tão somente a dor, mas também o prazer e o êxtase de realizar pesquisa.

Em processo de pesquisa e criação, comecei a gravar, despretensiosamente, conversas com minha avó em minha casa. Nesses momentos, eu intuía de registrar seus relatos em um gravador e, geralmente, ao avisá-la sobre a gravação, ela não se importava e prosseguia sua fala sem timidez, tal como sempre foi.

Durante meu estágio supervisionado na disciplina *Trajatória do Si* do Curso de Licenciatura em Teatro da Escola de Teatro de Dança da UFPA, ministrada pela professora Larissa Latif, foi criado o embrião da casa oito, pois eu deveria criar uma cena de no máximo cinco minutos sobre minha trajetória do ser a partir dos indutores trabalhados em sala de aula: lençol branco com registro da sua trajetória de ser, objeto afetivo, e carta destinada para sua própria criança.

Nessa ocasião, eu escolhi ficar somente com o lençol como objeto cenográfico e convidei Juliana Bentes, também estudante/mestranda do PPGARTES, para fazermos as edições dos áudios de minha avó. A primeira cena aconteceu ainda em processo de experimentação, na sala 24, da Escola de Teatro e Dança da UFPA (ETDUFPA).

Já a segunda apresentação aconteceu no banheiro do prédio do Programa de Pós-Graduação em Artes (PPGARTES) da Universidade Federal do Pará (UFPA), durante a disciplina do professor Orlando Maneschy. Considero que a configuração desse momento se deu de maneira completamente distinta em relação ao primeiro, pois além de ter ocorrido, agora, em um cenário propício à proposta do trabalho, a recriação da cena aconteceu com um público seletivo de pessoas próximas ao meu convívio social. Esse caráter de proximidade ressignificou o próprio acontecimento: foi quando a cena realmente nasceu.



Figura 28 – Ferrão do Escorpião. Fonte: Edson Palheta, 2018.



Figura 29 – Primeira visita ao banheiro do Escorpião. Mosqueiro, Chalé 13. Fonte: Felipe Pamplona, 2019.

Eu intitulei esse experimento de *exercício*, o qual tem uma partitura pré-estabelecida, criada no porão de minha casa. No entanto, essa partitura se modifica no momento de seu acontecimento, a partir de um espaço de criação e improvisação, coordenados pelo sentido da intuição, de acordo com as interações do público presente. Sentir e escutar o *feedback* dos

espectadores foi um fator importante para a compreensão do que estava sendo elaborado naquele momento: dança contemporânea, performance, contato e improvisação, teatro ritual. Essas foram algumas apreensões captadas pelo público.

O *exercício* se passa no banheiro fechado e escuro, iluminado apenas por um abajur com luz vermelha. No fundo sonoro ressoa a voz de minha avó paterna entrecruzada à minha própria voz, duas músicas, duas vozes, duas gerações, duas canções que se atravessam em diálogo íntimo de amor e sexo. E claro, o meu corpo presente vivo em encontro e em acontecimento com outras vozes mudas e outros corpos parados; um rito de passagem, de separação, de celebração, de iniciação, de retorno. Tudo isso junto ou separado em uma só totalidade. Ainda não tenho a resposta do que foi esse acontecimento, talvez eu nunca tenha e nem queira ter. Mas os outros terão ou poderão ter. Isso é importante, pois esse banheiro pertence à casa oito, que é também a casa dos outros, do que é compartilhado entre as outras pessoas e seus valores.

A sexualidade entre as gerações de minha avó e a minha se desnudam no chão do piso frio do banheiro, o banheiro do escorpião: lugar onde adentro na escuridão para trazer a energia crua e primordial dos instintos, onde resgato e curo as feridas e as repressões, destruo velhas fronteiras e abro novas passagens para dar continuidade a minha linhagem ancestral, me transformo e me autorregenero dos meus instintos profundos, onde morro e renasço. É do banheiro do escorpião que saio com a pele trocada, transito agora para bailar com outras mulheres na varanda da lua, uivar gemidos de lobas que saem das suas tocas-cosmos para embalar novos desejos e expandir. Mulheres que se nutrem, se reinventam, se perpetuam e crescem em rede.

5. A VARANDA DA LUA

Nasci às 9h20minutos do dia 22 de julho de 1984, na data considerada limite entre o signo de câncer e o de leão. Embora seja uma data de transição de um signo para o outro, ainda assim, desde cedo aprendi através de revistas, jornais e algumas literaturas astrológicas, que quem nascia nessa data, pertencia ao signo de leão. Mas com o tempo fui percebendo que essa data estabelecida como limite dos signos alternava de acordo com diferentes referências literárias. Para alguns estudiosos o signo de leão inicia no dia 22 de julho e para outros, no dia 23 de julho.

Esse fenômeno acontece na astrologia, pois o sol não tem uma hora exata para entrar em determinado signo, ou seja, há anos em que ele entra antes e há anos em que ele demora mais a entrar. Assim, duas pessoas podem nascer no mesmo dia do mesmo mês e do mesmo ano e serem de signos diferentes. Os nascidos no dia 22 de cada mês fazem parte da cúspide, termo que designa o período de passagem e encontro entre o final de um signo e início do próximo. Dessa forma, os nascidos na cúspide carregam as energias dos dois signos, tanto do anterior como o do seguinte.

Por muitos anos acreditei ser leonina, e eu poderia mesmo ser, mas no ano em que nasci o sol demorou a entrar sob o signo de leão. Quando iniciei meus estudos em astrologia e conheci ferramentas para calcular meu próprio mapa astral, foi que finalmente descobri que durante anos da minha vida eu estava enganada quanto ao meu próprio signo e não sabia de fato, quem eram os arquétipos e os planetas que sempre me regeram. Na verdade, pertencço à cúspide câncer-leão, ou seja, sou metade canceriana e a outra metade leonina, sou sol e lua ao mesmo tempo, o meu nascimento paira em cima do muro entre dois universos diferentes.

Foi difícil aceitar e fazer essa transição de signo, pois é uma mudança muito forte sair do astro rei sol para a misteriosa lua. Mas compreendi que é exatamente nesta energia lunar canceriana que se encontra a raiz familiar, os laços com os antepassados, as mulheres da minha família, minha mãe, minha avó e o meu desejo por investigar as fontes e as minhas origens.

Na busca pelo autoconhecimento, no ano de 2016, ingressei no grupo de investigação do treinamento psicofísico do atuante, GITA, coordenado pelo professor Cesário Augusto Pimentel de Alencar, onde pratiquei por dois anos consecutivos, artes marciais como *t'ai chi ch'uan* e outras artes contemplativas como *hatha yoga*, do *kalarippayattu*. Nesse período, mais consciente de meu corpo e dos aspectos pessoais do meu mapa astral, eu pude me

reconhecer, em essência, com os poderes e as características lunares de nutrição, conexão e acolhimento. Mas foi no ano de 2018, mais precisamente em 22 de julho de 2018, data da minha revolução solar (volta completa de 360 graus do sol para o mesmo grau zodiacal, ou seja, para a posição inicial no momento do nascimento), que descobri que minha vida tomaria uma nova jornada: descobri-me grávida!

Agora, no papel de mãe, finalmente, eu me aceitei como uma típica canceriana, mas ainda me reconhecendo como filha única morando na casa dos pais, o que me levou a refletir sobre a necessidade de cortar o cordão umbilical, deixar a casa dos meus pais e ter o meu próprio lar. Percebi que o ritual do corte do meu cordão umbilical com os meus pais deveria ser realizado antes do nascimento e do corte do cordão umbilical do meu bebê, como um ritual simbólico e efetivo de partida, para então eu entrar em outro ritual: a chegada da nova mãe.

5.1. A Casa 1, o Parto e o Nascimento



Figura 30 – Roda da Fortuna em Câncer. Fonte: Felipe Pamplona, 2019.

Na astrologia, a Casa um é chamada como a casa do ascendente, representa o encontro do céu com a terra. É como entramos na vida, como nascemos, como quebramos o ovo, ou seja, o momento que o sol ascende no horizonte.

Os signos ou planetas nesta casa ou no ascendente indicam a experiência do seu próprio nascimento. A casa um é o caminho, a busca que nos leva até o nosso sol, ou até ao nosso próprio herói, ou até a razão de estarmos aqui. Ou seja, essa casa representa a

autodescoberta. A nível simbólico, toda autodescoberta é um nascimento e todo nascimento requer uma morte. Nessa fase de gestação e mudanças em meu corpo, me vi por diversas vezes perguntando: O que vai morrer em mim? E o que vai nascer?

O nascimento vem acompanhado de mudanças bruscas, e o estágio de mudança ambiental é uma delas. No útero, o bebê tem acesso ao oxigênio através do corpo da mãe com o cordão umbilical e com a placenta. O parto pode ser um trauma para o bebê, mesmo que ocorra dentro dos procedimentos e de forma humanizada, pois na hora do nascimento, há o medo até da própria falta de oxigênio.

Quando o bebê está no canal vaginal preparando-se para nascer, o seu corpinho começa a liberar determinados hormônios vitais para o autoconhecimento, com conexão de novas células cerebrais e com isso ele aprende a usar novos processos corporais. Nascer é dar a luz às escuridões da alma e isso tudo é pura magia. A violência obstétrica fez com que esse poder de parir, essa sabedoria antiga, fosse apagado pelas trevas das intervenções sobre nossos corpos, sobre a natureza e suas próprias leis e tempo. O interesse comercial da medicina atual se apropriou do tempo natural requerido pelas mulheres no momento do parto, furtando-as de seus protagonismos, direitos e escolhas da decisão de como deve acontecer esse momento íntimo e pessoal. Todos esses fatores são registrados pela consciência intrauterina do bebê, bem como a sua experiência do nascimento.

Parto é jornada de autoconhecimento, os medos do parto são expressões dos nossos próprios medos e problemas internos. Compreender essa jornada de concepção, gestação, parto, nascimento, amamentação e relações familiares parentais significa conhecer como nós somos.

Dentro desse contexto, como forma de me conectar ainda mais com esse tema e me compreender nesses movimentos lunares da gestação e do parto, passei a frequentar dois grupos de apoio à gestação e ao parto ativo e humanizado em Belém. Um deles se chama “Transformador”, um grupo de extensão da Universidade Federal do Pará (UFPA) que trabalha o empoderamento feminino e combate à violência obstétrica. O outro se chama Ishtar, e me trouxe, em especial, um valor potencialmente simbólico, pois faz homenagem à deusa babilônica/mesopotâmica da lua, a que representa a fertilidade da terra. Ela é a própria deusa-mãe do amor e do sexo, a força arquetípica da natureza e da magia, além de ser a protetora das prostitutas e do parto.

Ter tido a oportunidade de frequentar esses dois grupos foi fundamental para o meu empoderamento e fortalecimento da gestação, compreendendo que parir é poder e que a nossa Casa um, ou seja, o nascimento, marca o início no horizonte de nossas chegadas e

descobertas. Para mim, a Casa um também representa uma forma de acolher meus medos e incertezas dessa grande jornada do autoconhecimento, que é o próprio parto, como um canal ritualístico de passagem e de corte do meu próprio cordão umbilical.

A minha varanda, aqui representada pela própria varanda do Chalé de Mosqueiro, é o lugar onde meu sol canceriano dança no encontro de fusão com mulheres que me atravessam. Meu sol se posiciona na Casa Onze, o lar do signo de aquário, energia que desconstrói visões pragmáticas, mas que apresenta uma necessidade de fusão com os outros, aprecia o gosto por viver em grupo. Assim, essa é a casa dos amigos, representa aqueles que frequentam a minha casa. Aquário aqui diz sobre tudo aquilo que eu recebo dos encontros, dos afetos, dos projetos. Ter o sol posicionado na Casa onze, é falar da importância da alteridade nos processos, sejam de criação artística ou de fruição, pois o gozo com o outro é condição indispensável para o desenvolvimento do ser artista, e do eu Mãe. E tudo isso também faz parte da minha autodescoberta, do meu próprio parto e nascimento.



Figura 31 – Cena da Varanda da Lua, Mosqueiro, Chalé 13. Fonte: Felipe Pamplona, 2019.

5.2. Santa Sara Kali, protetora das prenhas ciganas

Santa Sara Kali, santa católica escolhida pelo povo cigano, protetora do povo cigano, das mulheres grávidas e daquelas que não conseguem engravidar, protetora dos desesperados, ofendidos e sofredores. Prosperidade, saúde, amor e uma vida longa, são os pedidos direcionados a ela. Do sânscrito, língua ancestral do Nepal e da Índia, Kali significa “negra”; Sara, no antigo testamento, é um nome hebraico que indica “mulher de alta classe social”, ou às vezes é traduzido como “princesa”.

A santa cigana também é cultuada na umbanda ao lado de outras ciganas. Há vários relatos sobre sua história, mas, na verdade, não há exatidão acerca delas. Alguns contam que ela foi uma escrava egípcia, outras histórias a identificam como servente de uma das três Marias, e até como filha de Jesus Cristo e Maria Madalena. Outros dizem que ela fez o parto de Maria, mãe de Jesus. Na França, também prestam cultos em sua homenagem. Em 48 D.C. ela teria aportado no país, juntamente com as três Marias: Jacobina, irmã de Maria, Salomé, mãe dos apóstolos Tiago e João, e Madalena. Contam que elas foram perseguidas após a crucificação do Messias e, ao serem jogadas no mar, Sara fez a promessa de passar o resto de sua vida com um lenço na cabeça, se assim fossem salvas. Então, se dirigiram até a cidade francesa Saintes-Maries de la mer, onde foram amparadas por um grupo de ciganos. A imagem de Santa Sara fica na cripta da igreja de Michel, onde estariam depositados seus ossos. Entre os dias 24 e 25 de maio o povo cigano comemora seu dia em todo mundo. Sara foi canonizada no ano de 1712 D.C.

Santa Sara Kali é a busca da deusa-mãe, o arquétipo do signo de câncer na astrologia esotérica. Magna mãe (*magna mater*), a santa cigana é a mais antiga manifestação pessoal da divindade encontrada em todo mundo. Os mitos da criação estão repletos de símbolos ligados à Grande Mãe, própria ao caranguejo-câncer; sua regente Lua é a doadora dos dons do sentimento, da intuição, criatividade artística, imaginação, proteção, instintos e nutrição.

Santa Sara Kali é também a protetora das mulheres grávidas. Mesmo eu nunca ter feito planos para ser mãe, trazer o arquétipo dessa guardiã das ciganas prenhas para essa pesquisa, adquire cada vez mais força e sentido, pois como a própria proposta desse trabalho sugere desde o princípio, sigo em uma dinâmica de autotransformação de minha mandala cosmo-poética e, nesse momento de escrita e criação, me torno uma mulher desejante e ansiosa pela chegada da minha filha, como se sempre tivesse sonhado com esse momento. Logo, associo essa representação de Santa Sara Kali com os aspectos encontrados no signo de câncer, principalmente por seus traços de cuidados maternos. Quando o sol está no caranguejo (em

câncer) é época do solstício de verão, fase do ano em que a terra está madura. No taoísmo, *tao* significa a mãe de todas as coisas, é a força e energia que sustenta toda vida. Poder e energia são atributos do ventre cósmico (arquétipo de câncer) da grande deusa indiana, Kali, a mãe negra. Na visão da maioria dos indianos, Kali tem uma vigorosa energia de destruição, que a ela cabe o poder de vida e morte.

Também associo câncer com a deusa grega Deméter, deusa dos cereais, a poderosa deusa da mãe terra que mais se aproxima do arquétipo da Grande mãe, assim como Santa Sara. A filha da deusa grega, Perséfone, foi raptada por Hades e levada ao inferno. Deméter começou a definhlar, e a terra ficou árida e seca, nada mais nascia, ao contrário, tudo morria.

O glifo de câncer é formado pelas sementes da criatividade masculina e feminina; é onde reverbera a necessidade interior de se ligar ao self⁷ como centro psíquico e integrar a vida em torno dele. O regente esotérico de câncer é netuno, o senhor do mar, o planeta da fé. Na mitologia grega, Poseidon também era um grande destruidor dos apegos (ossada da lua) com seu tridente. Ou seja, esse arquétipo de câncer se interessa pelo caminho da individuação⁸ e passa a interpretar seus próprios sonhos e dos outros. Quando o ego se liga ao self, ele entra em contato com o poder da cura e da autocura. O self é tanto a fonte do processo de individuação como seu fim último.

Na mesma noite em que me encontrava lendo o livro *Arquétipos do Zodíaco*, de Burt (1998) que aborda sobre a Deusa-Mãe e sua associação com o signo de câncer, uma colega que eu não via há anos sonhou comigo e me relatou o sonho cheio de imagens que eu acreditei ser do inconsciente coletivo, imagens e símbolos muito parecidos com aqueles que eu estava lendo na noite anterior:

“Tu estavas num quintal, na mão direita seguravas três esferas: em uma havia uma concha, em outra tinha água e, na última, areia. Na mão esquerda tu seguravas uma espécie de colar que tinha de um lado a tua foto, e do outro lado à foto da tua mãe (claro que não sei quem é tua mãe, mas no sonho isso era claro para mim). Tu dizias algo para mim, mas não lembro o que era”.

⁷ O si-mesmo, ou self, é uma imagem arquetípica do potencial mais pleno do homem, ou seja, da totalidade. Ele ocupa a posição central da psique como um todo. A divindade interior.

⁸ É o processo de desenvolvimento psíquico que leva ao conhecimento consciente de totalidade.

Esse sonho me remeteu ao conceito de sincronicidade⁹ de Carl Jung e suas pesquisas sobre interpretação de sonhos e sobre o inconsciente. A concha é um símbolo do elemento água próprio ao signo de câncer e remete a mulheres das águas, a maternidade e com a figura materna que são qualidades astrológicas deste elemento. O colar equivale a amuletos, a ancestralidade, e a minha própria foto pode designar o self, ou o ego com sua persona também. A terra simboliza touro que é onde está localizada a posição lunar em meu mapa natal, e é um elemento complementar da água. Terra e água são os dois elementares que regem meu signo Câncer e o signo que ascendia no momento de meu nascimento: Virgem.

No outro dia ao sonho, eu estava caminhando pelas ruas cariocas e encontrei uma imagem-adesivo da Santa Sara Kali, fato que não é tão comum de acontecer, pois quase não se encontra imagens relacionados à Santa negra:



Figura 32 – Santa Sara Kali. Fonte: Arquivo pessoal, 2017.

⁹ A coincidência significativa de dois eventos, um interior e psíquico, e o outro exterior e físico (STEIN, 2006).

Em maio de 2016, por ocasião das festas consagradas em comemoração à Santa Sara Kali, eu estive incumbida, pelo então diretor do grupo Perifeéricos, de teatro de rua, da missão de criar e preparar um ritual, uma espécie de cerimônia e homenagem à Santa. Compreendi esse momento também como uma forma de preparação, amadurecimento, e consagração da minha personagem. Então, eu elegi como *locus* do cerimonial, o Anfiteatro da Praça da República, mesmo local de trabalho e ensaio do nosso grupo.

Tínhamos o costume de ensaiar pela parte da tarde e, certo dia, cheguei antes do horário estabelecido. Sem nada avisar, levei comidas, frutas, doces, bebidas, flores, objetos e vinhos, montei ritualisticamente o meu altar, ali no chão, no meio da praça, com incensos, velas, lenços e claro, ela, a rainha mãe, a imagem de Santa Sara Kali.

Eu não havia sinalizado à trupe que naquele dia aconteceria o então “dever de casa” que havia sido solicitado a mim. Depois de arrumar o espaço ritualisticamente, pus meu figurino e acessórios, e quando eu já estava no estado de máscara e dilatação de corpo e energia em alerta, os atores foram chegando e em silêncio foram se conectando à atmosfera instaurada, colocando suas máscaras junto aos pés da Santa. E assim, começamos o ensaio-ritual.

Outras pessoas que ali passavam foram se sentando e formando um semicírculo em torno do espaço sagrado. O rito seguiu até o fim, com músicas, danças, comidas e bebidas; tudo era compartilhado com os convidados presentes, chamados pela energia que ali se estabeleceu extra-cotidianamente. Ao final, o diretor alegou ter sido o melhor ensaio da trupe, e ressaltou que havia sentido especialmente em mim, uma energia até então nunca sentida antes. Ele percebeu então, que havia feito o meu rito em cena. No entanto, o sentimento que reverberava internamente era o de devoção à Santa Sara de total entrega ao meu divino interior. Para mim, esse foi um acontecimento-rito de passagem para a verdadeira essência teatral, que tanto Artaud defendeu.

6. O MEIO-DO-CÉU



Figura 33 – Chalé 13, Praia do Chapéu Virado, Ilha de Mosqueiro. Fonte: Felipe Pamplona, 2018.

Para onde vamos? Essa é a grande questão do significado do meio-do-céu. O meio-do-céu está localizado na casa dez, o ponto mais alto do nosso mapa astral, indica como nos comportamos publicamente, a imagem que queremos apresentar ao mundo. Associada à casa de saturno, o deus do tempo e também regente do signo de capricórnio, também pode representar a imagem de nossos pais. É o lugar onde está a nossa realização profissional, material e social. Segundo Howard (1985), é a casa da ambição que revela “aquilo que mais gostaríamos que fosse lembrado como nossa contribuição para o mundo.” (SASPORTAS, 1985, p. 79).

Lembrei-me do que estava no exato momento que nasci: a roda da fortuna sob o signo de câncer. A minha mandala cosmo-poética aponta que no momento em que nasci, a minha roda da fortuna também estava sob o signo de câncer. A roda da fortuna é um outro símbolo também presente no mapa astrológico que pode indicar nossa missão de vida e, principalmente, como e onde nos sentiremos realizados. Para muitos astrólogos, ela é um dos pontos mais importantes no mapa astrológico natal, compreendida como uma bússola a apontar a melhor direção nas tomadas de decisões dos ciclos da vida, levando a vivenciar experiências de alegria e plenitude do ser. No meu mapa, a roda da fortuna está sob o signo de câncer, ou seja, traz em sua constituição as características da energia lunar canceriana, sendo a maternidade, nesse momento, o ponto mais forte e considerado por essa pesquisa.

Hoje estou prestes a realizar a roda da fortuna no meu útero. Desde a concepção desse momento, me vi atravessada por uma energia de amor e paixão, e ao mesmo tempo, leveza. Embora, de início, eu e meu companheiro tivéssemos assustados e movidos por medos infantis, depois que aceitamos, vejo-me feliz e saudável, com uma mistura de ansiedade e consentimento de que o universo é perfeito e a natureza sábia. E hoje recebo em meu Baú-Útero, essa roda da fortuna da maternidade.

O Baú-Útero é a própria roda da fortuna em câncer. Significa o parto, a grande jornada do autoconhecimento, o ritual de passagem e o corte do meu cordão umbilical. A essa altura de realização da minha mandala cosmo-poética, percebo: Parir é poder, é o meu próprio Sol em câncer, signo regido pela Lua: A deusa-Mãe Santa Sara Kali.

A roda da fortuna também pertence à carta de número dez do Tarô de Marselha, e no meu mapa astral, além de estar sob o signo de câncer, ela também se encontra na casa dez, meu meio-do-céu. O próprio símbolo da roda da fortuna lembra um relógio de sol, que também representa saturno, aquele que aponta que as coisas que são certas para acontecer, acontecem no tempo certo. O que revela a roda da fortuna é o nosso segredo, o que a vida espera de nós. Ela indica mudanças na nossa vida, desafios que nos aguardam, a nossa sorte, os nossos objetivos de vida, as boas oportunidades. A sabedoria de esperar a hora certa para nos aventurar no novo.

6.1. Da Roda da Fortuna à Vídeo-Performance

Nessa pesquisa-criação, experimentei documentar os lugares da minha mandala astral, a minha cosmo-poética: o fundo-do-céu, o quarto do touro, o quintal de brincar do leão, o banheiro do escorpião, a varanda da lua e o meio-do-céu.

Na tradição da fotografia existe a separação em dois modos de registro, o modo documental e o modo teatral. No primeiro modo, mais tradicional, o documento constata, descreve uma performance que realmente aconteceu para uma determinada plateia, e a fotografia mostra o que ocorreu. Assim, a fotografia é tida como um documento secundário, ou um registro suplementar. Já o modo teatral ou performativo não é a presença inicial do público que faz uma obra ser performance art, mas sim seu enquadramento como tal, ou seja, é o ato performativo de documentar a vídeo-performance como performance que a torna performance art. Para o pesquisador Philip Auslander (2013) a documentação de performance devem ser performativos, ou seja, é o ato de documentar uma performance como tal, a

documentação deve produzir o evento como uma performance e o performer como artista (AUSLANDER, 2013, p. 9).

O momento da vídeo-performance do banheiro do escorpião, apresenta essas duas formas de documentar, uma tradicional e a outra performática. A tradicional é quando a fotografia é tida como secundária pois ela somente revela a performance que já aconteceu. Ou seja, primeiramente, a fotografia foi concebida no acontecimento da performance dentro de um banheiro (os banheiros da ETDUFPA e do PPGARTES), onde havia um público espectador do ato em si. Dessa forma, sua documentação exerceu um papel secundário, pois essa função foi a de apenas registrar a cena apresentada. A performativa é quando eu recrio esta performance orientada para o vídeo no Chale de Mosqueiro e, nesse caso, ela só realmente existe no vídeo e para o vídeo.

As performances na categoria documental geralmente têm existência dupla: são caracterizadas como performances ao serem apresentadas em galerias e há uma plateia inicial e uma plateia secundária que presencia a performance somente através de sua documentação. Não é a presença inicial do público que faz de um evento uma obra de performance; mas sim seu enquadramento como tal. (AUSLANDER, 2013, p. 11).

Regina Melim (2008) afirma que é somente através do vídeo que a performance existe como performance enquanto um procedimento cuja vida continua através da documentação do projeto estético de um artista, sendo acessível ao público pela documentação do vídeo. Esse é o mesmo conceito do modo teatral de registro, de Philip Auslander (2013).

No segundo modo, o teatral, não há plateia, é um modo de documentar performance ontológico, pois sua existência é condicionada pelo registro, seja em vídeo ou seja em fotografia. Nesse modo de registro teatral, as performances são orientadas para esses formatos; é quando somente através da sua documentação que a performance existe enquanto performance.

O livro *Performance nas Artes Visuais*, a autora Regina Melim aponta que no Brasil, nos anos setenta, as primeiras ações orientadas para fotografia e para o vídeo, consistia em registrar os gestos performáticos diante da câmera, sublinhando o processo como obra de arte, ou seja, o vídeo como extensão de experimentações, mostrando que o ateliê existe onde o artista está (MELIM, 2008, p. 47).

É dessa forma que, nessa mandala cosmo-poética, na minha roda da fortuna de realização, adentro o campo da vídeo-performance em que homenageio através de minha arte, o registro poético-simbólico da existência criativa e artística do meu céu natal.

6.2. A Vídeo-Performance



Figura 34 – Meio-do-Céu. Fonte: Felipe Pamplona, 2019.

O performer Renato Cohen (2002), em seu livro *Performance como Linguagem*, reconhece a origem da performance desde à antiguidade, com os ritos tribais e celebrações dionisíacas, por exemplo. Segundo ele, a figura do artista é seu próprio instrumento artístico, onde, na performance, se predomina o símbolo sobre a palavra, o uso da estrutura não narrativa e a forma de ocupação do espaço. A performance se coloca entre as artes plásticas (sua origem) e as artes cênicas (sua finalidade), numa linguagem híbrida.

As raízes da performance vêm do happening, expressão artística ou evento teatral com elementos de espontaneidade e improvisação que geralmente envolve a participação do público espectador, nos anos 60, até migrar para a performance, com um conceito mais formalizado, nos anos 70/80. A performance é uma maneira de se encarar a arte cênica e as artes plásticas como a *action painting*, termo de origem “tal” que aborda que o artista deve ser o sujeito e objeto de sua obra. É a não-arte no sentido de não valorização do profissionalismo arbitrário da arte, mas uma abordagem na *live art*, onde a própria vida é arte, e os impulsos verdadeiros e espontâneos da vida cotidiana, uma arte que acontece no exato instante do presente.

A linguagem da performance é a da soma, do hibridismo, não harmônica nem linear. Ou seja, ela não se estrutura com base de pensamento aristotélico que segue uma linha narrativa de começo, meio e fim, e apresenta separação espacial entre palco e plateia. A

performance se pauta na *mise en scène* e na *collage* como estrutura. A *collage* trabalha com os fragmentos que geram a livre associação de imagens e ideias, promovendo o encontro das imagens como no cinema. A *collage* é também como uma simbiose, uma fusão ou integração de diversas obras e ideias, as quais não se fecham numa síntese, e sim em uma justaposição, por *collage*:

O que a arte da performance se afasta é da representação de personagens e ficcionalidade do teatro mais convencional, mas nem ela pode totalmente se afastar de um certo papel social do performer mesmo essa arte podendo subvertê-la os próprios cânones do confinamento nos lugares predefinidos da arte e do artista. A performance luta contra toda espécie de domesticação artística. Logo o verbo de ação agir é eleito como uma designação mais precisa de sua arte, pois ela manifesta uma atitude de vida e de escolhas perante a arte e a sociedade. (QUILICI, 2015, p. 113).

Segundo Renato Cohen (2002), a performance pode ser organizada em três tipos: *sígnica* (estruturada na *mise en scène*, muito mais imagética do que subordinada à palavra), *tempo/espço* (vários espaços em vários tempos) e *self* (performances baseadas na própria vida do artista). Na performance, o processo de criação do trabalho é mais individual, na medida em que é a expressão do artista que vai orientar a vídeo-performance, dando uma leitura de mundo a partir do roteiro, do texto *sígnico* e da forma de atuação.

O performer é o criador e intérprete da sua obra, apesar da ênfase na atuação, a performance não é um teatro de ator, pois ela é o discurso da *mise en scène*, tornando o performer uma parte e nunca o todo da obra, ele poderá ser todo enquanto criador mas não enquanto atuante, pois a iluminação, o som, as projeções serão tão importantes quanto ele. (COHEN, 2002, p. 102).

Ou seja, o processo vai se caracterizar mais por uma extrojeção, na medida em que se retiram coisas, símbolos, confrontos emocionais que devem sair e tomar forma, do que introjeção, onde se compõem, preenchem e criam-se uma personagem, ou seja, se inicia o processo de criação mais pela forma que pelo conteúdo. O artista tem uma dupla tensão, interna e externa.

A performance não deseja ser entretenimento, ou qualquer outra coisa mais convencional, ela quer convocar as potências criativas do homem, e reinventar modos de vida e de cultura. O performer é aquele que tem a capacidade de conduzir um ritual, e com isso alcançar até outros estados de consciência, por simplesmente se encontrar no momento presente. Isso não é um privilégio apenas da performance, mas na performance o artista se encontra mais presente enquanto pessoa e menos como personagem, tal como ocorre mais comumente no teatro. No trabalho performático, o atuante pode estar representando um signo, mas seu corpo que transporta, estará sempre presente. Esse aqui-agora leva a arte da

performance se conectar com o ritual. A arte cênica é a arte do simbólico. Tanto na performance quanto no happening há um afrouxamento da convenção teatral.

A partir da classificação das artes cênicas em modelo mítico (terapêutico, anárquico) e modelo estético (conceitual), podemos dizer que uma característica importante que marca a passagem do happening para a performance é um aumento da esteticidade, e um aumento do controle sobre a produção e criação e um aumento de individualismo do artista criador. O happening representou a radicalidade do teatro mítico, a performance vai se aproximar do teatro estético (COHEN, 2002, p. 124).

No happening, o condutor da “cena” se aproxima ao ofício de um xamã, um mestre de cerimônia de um ritual. A performance é a canalização do pensamento estético-filosófico dos movimentos artísticos diversos do século XX dentro do veículo teatro.

A tentativa de localizar a performance enquanto gênero numa relação com outros estilos de artes cênicas é ao mesmo tempo difícil e contraditória. Pois na sua própria razão de ser é uma arte de fronteira, que visa escapar das delimitações, ao mesmo tempo que incorpora várias artes. (COHEN, 2002, p. 139).

A performance apresenta enquanto características linguísticas, o predomínio da imagem sobre a palavra e a fusão de mídias. Por sua ideologia de arte de combate, com liberdade estética e temática, de caráter experimental, com fusão de diversas linguagens e o uso da tecnologia, ela não pode ser considerada uma expressão isolada, mas uma manifestação dentro de um movimento maior que é *live art*.

A performance ocupa um lugar diferente daquele ocupado pelo teatro, mas que atravessa a fronteira e ocupa os espaços pertencentes ao teatro. A linguagem teatral está atrelada a uma forma estrutural com regras do tipo de representação, dramatização e ritualização tradicional que não a permitem servir de suporte de experiências cênicas mais ágeis e experimentais. “A performance é o teatro do artista plástico, em detrimento da linguagem falada e da composição de personagens” (COHEN, 2002, p. 161).

Já a Vídeo-Performance pode ser compreendida como um processo de subjetivação, um dispositivo que integra as práticas de si e os modos de percepção como ação política, de existência e resistência. Na vídeo-performance desse trabalho, compreendo a obra criada como uma extensão de mim. Aqui, a ação é tempo onde a memória do meu corpo se registra imagetivamente no passado emocional (Fundo-do-céu) e no futuro material (Meio-do-céu), nesta casa-espaço-tempo-presente que agora projeta o lírico da memória ancestral, das perdas, do fim, do nascimento e morte, e do misticismo.

Encontro nessa casa-tempo-espaço, as imagens e os elementos que ressignificam o meu espaço vital bem como descreve Gaston Bachelard (1988), em *A poética do espaço*. Essa

é uma forma de renascer em meu “canto do mundo”, nesse caso, em minha décima terceira casa, minha cosmo-poética:

É preciso dizer então como habitamos nosso espaço vital de acordo com todas as dialéticas da vida, como nos enraizamos, dia a dia, num "canto do mundo". Pois a casa é nosso canto do mundo. Ela é, como se diz frequentemente, nosso primeiro universo. É um verdadeiro cosmos. Um cosmos em toda a acepção do termo. (BACHELARD, 1988, p. 200).

Na pesquisa-criação, há duas narrativas audiovisuais: a primeira, o corpo performa no espaço-casa daquilo que chamo de Meio-do-Céu; na segunda trabalhamos a narrativa audiovisual com a projeção de vídeo mapping e em outros cômodos da casa, como representação de um mundo interior que designo como Fundo-do-Céu.

Para as projeções, selecionei uma coletânea de imagens: céu, crianças brincando, terra, água. Imagens que para mim representam sagitário e seu espírito livre, bem como Zeus e Júpiter, Deuses do Olimpo Grego que remetem a própria memória, imaginação e sua reconstrução. E imagens de arquivo pessoal do meu trabalho de parto.

Os trunfos do tarô retratam imagens arquetípicas detentores de projeções. Representam simbolicamente as forças instintuais que operam na psique humana profunda, a que Jung chamou de arquétipos. “Não podemos ver essas forças do instinto, esses arquétipos, mas podemos experienciá-los simbolicamente através de imagens em nossos sonhos.” (NICHOLS, 2007, p. 26).

O mapa da jornada do Tarô de Marselha é dividido em três fileiras de sete trunfos, mais a carta do Louco. A primeira fileira, tradicionalmente é denominada como o reino dos deuses. No entanto, na vídeo-performance, eu intitulo como reino das deusas, representada pela cena *Varanda da lua*, o quarto capítulo deste memorial, onde cada uma das performers/atrizes dança os arquétipos das deusas: A Louca, A Maga, a Sacerdotisa e a Imperatriz. A lâmina que não possui número fixo, O Louco, representa um andarilho de espírito livre, que muitas vezes perturba a ordem social estabelecida, visto como vagabundo, hippie viajante, sem trabalho ou carteira assinada.

Um fato curioso que aconteceu foi que a terceira atriz que havia sido convidada para representar a carta do Louco na cena da varanda da lua, viajou e acabou se perdendo nas estradas e não chegou a tempo para o dia da filmagem da Vídeo-Performance, na Ilha de Mosqueiro. Ou seja, isso revelou o próprio espírito da carta do Louco.

A segunda fileira do mapa da jornada se chama reino da realidade terrena ou consciência do ego, em que acontece a cena do capítulo três, o banheiro do escorpião onde utilizo a lâmina número treze do tarô, A Morte. A última fileira do mapa da jornada do herói

do Tarô se chama reino da autorrealização ou iluminação celestial e se passa no quintal de brincar de Leão.

O roteiro da performance brinca entre a performance e a projeção, foi distribuído nas anotações de meu caderno, enquanto eu sentia e transitava pelos cômodos do Chalé número 13. No primeiro quarto, a projeção acontece no colchão da cama, de fundo, na cômoda, a imagem de Santa Sara Kali, meu altar; na sala, a partitura que nomeio como *dança das cadeiras com fumaças coloridas*; no corredor, velas e atravessamentos de mundos; na varanda, a partitura de imagens na rede; no quintal, sentada na árvore amamentadora da jaca iluminada, com projeção na parte de trás da casa; por último, no quintal, a partitura no círculo das palmeiras de açaí; no varal, minhas memórias penduradas.

O caminho da performance foi reelaborado algumas vezes até chegar no seguinte percurso: pelo corredor da sala, arrasto meu baú até o primeiro quarto. Ao abri-lo, retiro os objetos: mosquiteiro vermelho, a imagem de Santa Sara e uma rede. Penduro a rede com o mosquiteiro e monto meu altar na penteadeira. Arrumo-me e vou para o banheiro, onde realizo meu rito de transformação: morte e renascimento.

Nesse trajeto acontece uma dança na varanda da Casa em celebração as nossas ancestrais. Quando a dança acaba descemos as escadarias rumo ao quintal das memórias para, então realizar o rito final. Na escada, deito minha rede para as outras mulheres da cena descerem. Eu sigo sozinha até o círculo do açaí no quintal, lá encontro meu baú inicial, abro-o e estendo minha rede molhada, antes de secar retorno para cortar meu cordão umbilical. Encaminho-me para a árvore de pé de jaca, lá me espera uma cadeira de balanço da infância, onde minhas tias, meus pais e eu nos embalávamos na varanda fim do dia, ela está repleta de frutos que me remetem a mamas, leite que a fruta doa, cola que fixa o apego do afeto, mas também me lembram miomas uterinos e cistos mamários que me acompanham de longa data. Enterro-os.



Figura 35 – Marte em Escorpião. Fonte: Edson Palheta, 2019.

Entre o fundo e o meio-do-céu foi efetivamente filmado em janeiro de 2019, aos sete meses de minha gestação, durante dois finais de semana na Ilha de Mosqueiro, no Chalé 13 na praia do Chapéu Virado. A primeira cena que filmamos foi a do banheiro do escorpião, dessa vez, somente com as presenças do meu companheiro e produtor da filmagem, Felipe Pamplona, e o câmera, Edson Palheta. Esse foi um processo muito instigante, pois particularmente, nessa gravação, mais intimista e igualmente intensa, eu percebi a linha tênue entre a criação. Vejo que para cada performance que realizei, em banheiros diferentes como os da ETDUFPA e do PPGARTES, a experiência foi sempre nova, em uma perspectiva sempre diferente. No entanto, no banheiro do Chalé 13, a atmosfera da performance se consagrou de forma peculiar, visto que se tratava do local idealizado desde o princípio da pesquisa.

Além disso, performar no banheiro em que cresci e onde guardo lembranças dos banhos com as minhas primas, imagens dos nossos biquínis secando, e das histórias de visagens, tendo praticamente a lente da câmera como testemunha, me trouxe uma sensação surpreendente de que dessa forma, tal como no teatro, é possível se alcançar uma aura de energia extra cotidiana latente no corpo.

Adentrar os cômodos do Chalé 13 é também acessar a Casa da minha infância, lugar onírico onde se vivencia a seletividade da percepção e da memória, e dessa maneira, se pode direcionar para criação artística e selecionar os recursos criativos que interessam a experimentação. Segundo Salles (2006), “as redes de associação que moldam as lembranças

se modificam ao longo da vida, nós mudamos e assim também mudam nossas percepções do nosso passado, da nossa infância, mudando então nossas lembranças”. (SALLES, 2006, p. 69). Nesse sentido, arrisco dizer que memórias são ação, são plásticas, e dentro da minha mandala cosmo-poética, as minhas lembranças são reconstruídas no vídeo.

Ainda sobre o processo de gravação, o quarto do touro, o corredor e a sala de jantar foram gravados na manhã seguinte da cena do banheiro. Decidimos deixar o desenho de som ambiente com o fundo das músicas de brega que estavam tocando no momento. A cena do quarto, mais especificamente, em cima do colchão, foi a que mais exigiu do meu corpo físico, pois tive que fazer agachamentos de perna repetidamente, filmados sob o ar quente das velas do altar.

A cena do quintal de brincar do Leão estava programada para ser sob a luz da tarde, no entanto, choveu bastante, empurrando as gravações para a noite. Então tivemos que repensar a iluminação com estratégias de novos desenhos de luz. O que aparentemente foi um problema, nós transformamos em solução e resolvemos como que sincronicamente aquilo que tinha razão de ser.

No momento dessa filmagem, misteriosamente, uma jaca caiu sobre a minha barriga. O curioso é que do lugar onde eu estava sentada, não havia nenhuma jaca na direção de minha cadeira, e quando essa se soltou do tronco da árvore, a sensação é a de que ela foi arremessada para cair justamente em cima da minha barriga. De imediato, senti dor e fiquei bastante assustada, e minha barriga ficou vermelha e toda marcada pela sua casca espinhosa, mas, ainda assim, demos continuidade ao trabalho. Foi então que, no decorrer do processo, eu lembrei do início, fiz um retorno às motivações que me levaram a escolher aquela jaqueira e aquele quintal para gravar. A partir disso, cumpri a promessa do rito que tinha que ser cumprido: enterrei aquela jaca que havia caído em mim. Cavei e enterrei ao pé da árvore, como quem enterra, a própria carta da morte, meu passado e suas feridas de criança, e a antiga mulher com miomas uterinos.

A filmagem da Varanda da Lua foi um momento de colaboração criativa na concepção da partitura da dança. Para essa ocasião, convidei duas artistas da área da dança, Marina Trindade e Andréa Apolinário. Pela manhã, fizemos as filmagens do que comumente denominamos como vídeo-dança dentro de uma vídeo-performance. As cores primárias amarelo, vermelho e azul foram as cores estampadas nas redes, escolhidas e inspiradas nas lâminas das cartas do Tarô de Marselha. Na cena, cada uma de nós, tínhamos no processo de criação uma dessas cartas nas nossas partituras e personas; eu tinha a carta de número três, a imperatriz representando a Grande Mãe e o gerar; Marina a carta de número um, o Mago; e

Apolinário a carta de número dois, a sacerdotisa Papisa. Cada uma de nós propôs movimentos e desenhos de imagens e juntas criamos e compomos a coreografia baseada nessas cartas.

As filmagens do Mapping foram realizadas em dois lugares e em momentos diferentes: na cacimba de água natural dentro do condomínio Lago Azul, em Ananindeua, e nos bosques do bairro Marex. Na cacimba, eu carregava a imagem das obras plásticas de Gustav Klimt, e pensei em imagens corporais que me remetessem as mulheres retratadas nos quadros e, claro, a minha atual gravidez.

Nos bosques do Marex, em Belém, eu convidei a artista e modelo Andréa Apolinário e sua filha Valentina para as filmagens do binômio mãe-filha. A primeira imagem foi feita o vídeo mapping na fachada da casa e a segunda, nos fundos da Casa no quintal. A última imagem projetada dentro da parede do quarto de Touro foi uma imagem de arquivo pessoal do meu próprio trabalho de parto em minha residência em Belém.

Com quase dois meses de vida, levei minha filha para Mosqueiro para o segundo e último momento de feitura do trabalho do vídeo: as projeções de vídeo Mapping. Retornar a Casa 13 com um novo corpo, novo eu, nova cabeça e novas demandas de vida, com minha bebê no colo. Foi interessante levá-la para dentro de todo esse universo e, ao mesmo tempo, também perceber o fluir do tempo, ao observarmos a Casa já deteriorada novamente.

Durante a pesquisa e filmagens na Casa, senti que o percurso criador me levou a compreensão maior do projeto, de que, na realidade, era eu própria que estava me fazendo e me criando e pesquisando enquanto artista, mulher e agora, mãe. É o que a pesquisadora Cecília Salles aborda sobre o percurso criativo levar muitas vezes o artista a um conhecimento de si mesmo.

Daí o percurso criador ser para ele, também, um processo de autoconhecimento e, conseqüentemente; autocriação, no sentido de que ele não sai de um processo do mesmo modo que começou: a compreensão de suas buscas estéticas envolve autoconhecimento. (SALLES, 2006, p. 65).

Nesse sentido, vejo que *Entre o Fundo e Meio-do-Céu* me revelou uma trajetória de muitas mortes, renascimentos e realizações. Quando decidi que minha obra poética aconteceria no Chalé 13, eu não tinha dimensão das transformações que a minha própria casa número treze – a criação dessa cosmo-poética – alcançaria.

Tal como a própria imagem do Chalé 13, de Mosqueiro, a minha casa número treze, minha cosmo-poética também viveu seus ciclos: A Casa passou por várias reformas, ganhou vida nova, ressignificações, imagens férteis e símbolos vivos. Também, eu e meus familiares vivenciamos o ciclo da lâmina treze, A Morte.

E como toda morte vem seguida de Vida, Serena nasceu.

E dessa forma, consinto: a criação da minha cosmo-poética foi meu próprio parto: a Mandala da própria vida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

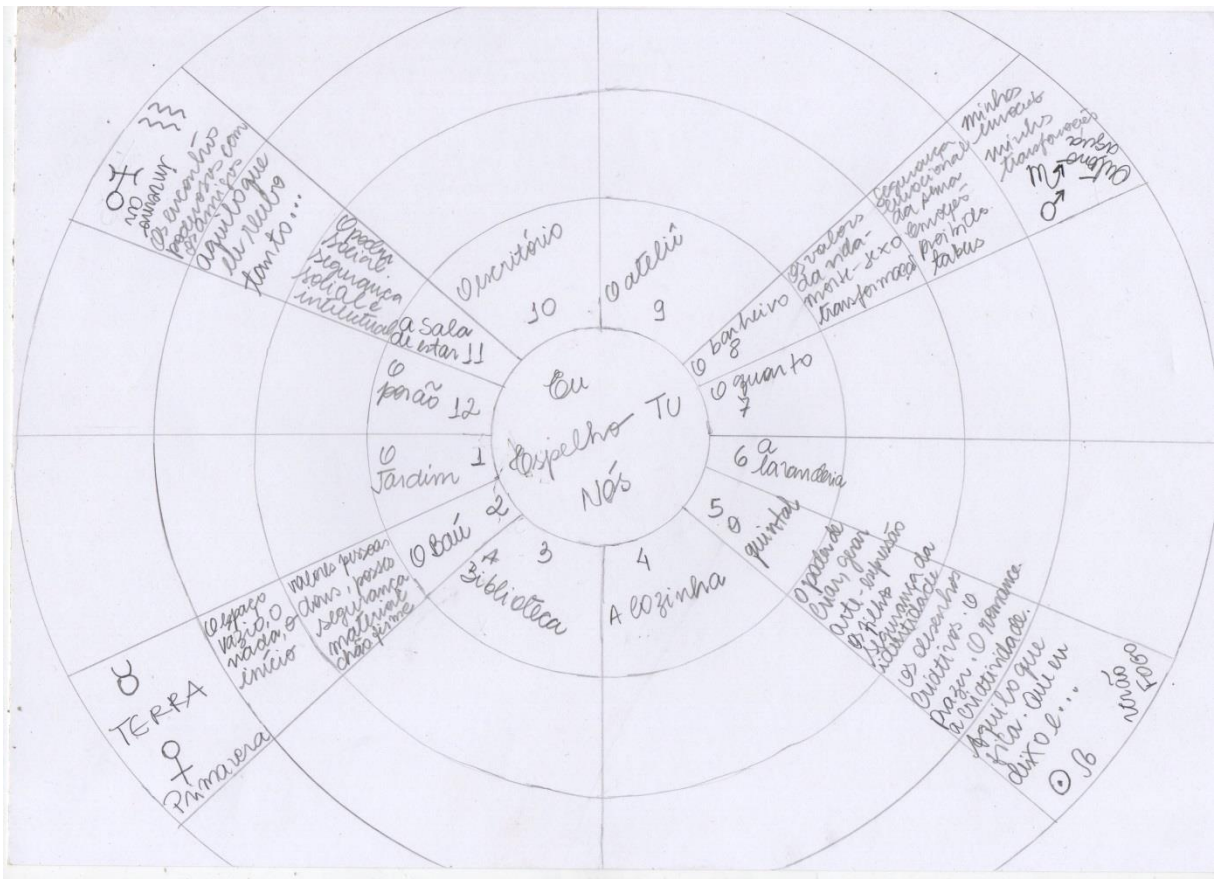
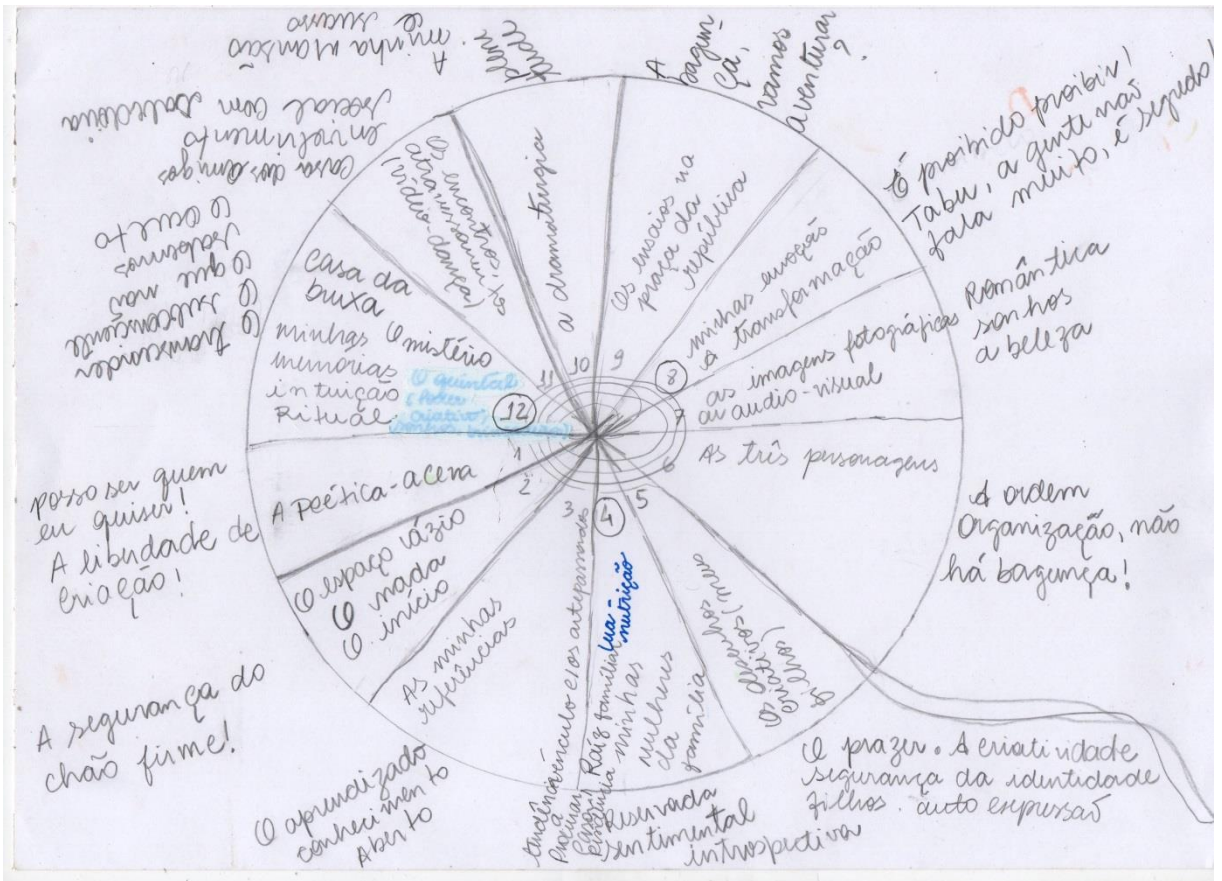
- ALENCAR, Cesário Augusto Pimentel de. **Caderno de Pesquisa do GITA: uma abordagem psicofísica do treinamento do atuante**. Belém: UFPA/ICA/PPGARTES, 2014.
- ARROYO, Stephen. **Astrologia, psicologia e os quatro elementos: uma abordagem astrológica ao nível da energia e seu uso nas artes de aconselhar e orientar**. São Paulo: Pensamento, 2013.
- ARTAUD, Antonin. **O teatro e seu duplo**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- AUSLANDER, Philip. A Performatividade da documentação de Performance. **Revista Performatus**, Inhumas, ano 2, n. 7, nov. 2013.
- BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1988.
- BANZHAF, Hajo. **Tarô: sabedoria para todos os dias**. São Paulo: Pensamentos, 2007.
- BARBA, Eugenio; SAVARESE, Nicola. **A arte secreta do ator: um dicionário de antropologia teatral**. Tradução: Patrícia Furtado de Mendonça. São Paulo: É Realizações, 2012.
- BARRIE, J. M. **Peter Pan**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.
- BURT, Kathleen. **Arquétipos do zodíaco**. São Paulo: Pensamento, 1988.
- COCCHIARALE, Fernando; PARENTE, André. **Filmes de artista: Brasil 1965-80**. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria/Metropolis Produções Culturais, 2007.
- COHEN, Renato. **Performance como linguagem**. São Paulo: Perspectiva, 2002.
- DELEUZE, Gilles. O ato de criação. Tradução de José Marcos Macedo. **Folha de São Paulo**, 27/06/1999. Transcrição da conferência ministrada em Paris aos estudantes de cinema realizada em 1987.
- ESTÉS, Clarissa Pinkola. **Mulheres que correm com os lobos: mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- FAU UFPA. **Mosqueiro – a Vivenda J. Marques virou Chale Cardoso em 1926**. Publicado em 19 de abril de 2017. Disponível em: <https://fauufpa.org/2017/04/19/mosqueiro-a-vivenda-j-marques-virou-chale-cardoso-em-1926/>. Acesso em: 12 jun. 2018.
- GROTOWSKI, Jerzy; FLASZEN Ludwik. **O teatro laboratório de Jerzy Grotowski 1959-1969**. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- HALL, Calvin Springer; NORDBY Vernon J. **Introdução à psicologia junguiana**. São Paulo: Cultrix, 2005.

- JOUVET, Louis. **O comediante desencarnado**: reflexões de um ator itinerante. São Paulo: Realizações, 2014.
- LIMA, Wlad. **Dramaturgia pessoal do ator**. Belém: Grupo Cuíra, 2005.
- MACHADO, Arlindo (Org.). **Made in Brasil**: três décadas do vídeo brasileiro. São Paulo: Iluminuras; Itaú Cultural, 2007.
- MELIM, Regina. A Fotografia como documento primário e Performance nas Artes Visuais. **Revista Crítica Cultural**, volume 3, número 2, jul./dez. 2008.
- MELIM, Regina. **Performance nas Artes Visuais**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- MELLO, Christine. **Extremidades do vídeo**. São Paulo: SENAC, 2008.
- NICHOLS, Sallie. **Jung e o Tarô**: uma jornada arquetípica. São Paulo: Cultrix, 2007.
- QUILICI, Cassiano Sydow. **Antonin Artaud**: Teatro e Ritual. São Paulo: Annablume, 2004.
- QUILICI, Cassiano Sydow. **O ator-performer e as poéticas da transformação de si**. São Paulo: Annablume, 2015.
- RANGEL, Sônia. **O olho desarmado**: objeto poético e trajeto criativo. Bahia: Solisluna, 2009.
- RUSH, Michael. **Novas mídias na arte contemporânea**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- SALLES, Cecília Almeida. **Gesto inacabado**: processo de criação artística. São Paulo: Annablume, 1998.
- SALLES, Cecília Almeida. **Redes de criação**: construção da obra de arte. São Paulo: Horizonte, 2006.
- SASPORTAS, Howard. **As doze casas**: uma interpretação dos planetas e dos signos através das casas. São Paulo: Pensamento, 1985.
- SENRA, Stella. **Corpos, cinema e vídeo**. Publicado em 14 de junho de 2012. Disponível em: <https://stellasenra.wordpress.com/2012/06/14/corpos-cinema-e-video/>. Acesso em: 04 dez. 2018.
- SLOWIAK, James; CUESTA, Jairo. **Jerzy Grotowski**. São Paulo: Realizações, 2013.
- STEIN, Murray. **Jung**: o mapa da alma: uma introdução. São Paulo: Cultrix, 2006.

APÊNDICE

Mandalas do processo de criação da Cosmo-Poética:





Registros do processo de montagem da Vídeo-Performance:

- 15.01.19
- 1- Não começa ^{a vídeo} + com o 7168
Começa com 7169 ✓
 - 2- Kaveira na sanita até longo ✓
 - 3- 2 subidas da barriga ao invés
de 3 no chão do banheiro ✓
 - 4- Corte no 2º momento das 3 kengas
na coreografia ✓
 - 5- Sai nós da parede. Com
luz no nós do banheiro ✓
 - 6- Sai da varanda as 2 na rede
e luz na cadeira. (GTP) ✓
 - 7- Sai som do banheiro
 - 8- Fica a Cena da Mariana e
apelinário na cozinha.
- Revisada?
- sem direito?

* Legenda: * : não tem urgência de fotoativa!
Sem * : urgente!

1º) CAPES e PPGARTEs (Google)

2º) " PARA SERENA" → no lugar do cachorro

3º) Karine Jansen

4º) ~~Adriana~~ ~~Adriana~~ ~~Adriana~~ ~~Adriana~~ ~~Adriana~~ ~~Adriana~~ ~~Adriana~~ ~~Adriana~~ ~~Adriana~~ ~~Adriana~~
José Otávio Alves Pinheiro
Marilene Jader e Marilene Maria José Borges Pinheiro

5º) Cortar a dança (mim solo) 05:25 até
05:35

6º)* Por som no esqueleto do quarto do
Altair

7º)* tirar do 2º mapping
a música (o áudio) da Maqueline
do Jorge Ben Jor

* 8º) Alterar desenho de som das
Manas na rede

9º) Letra maiúscula em desenho de som e
peças de Arte

15.01.19

Ajustes de hoje (15/01):

- 1º fica o último São Jorge e o deslocar p/ frente ✓
- 2º Não levanta a caveira (Sai do quadro) e recoloca a caveira na lanchete da Santa. ✓
- 3º Ajuste na saída da sala de jantar (cuidado) ✓
- 4º O pé do banheiro terminará a cena logo após a escurada no espelho ✓
- 5º corte inicial do giro no banheiro ✓
- 6º pequeno ajuste na lambida ✓
- 7º Corte da limpeza do banheiro no meu rabo ✓
- 8º Corte / sai giro no chat do banheiro (sem força) ✓
- 9º Corte a cuspidor no espelho que não aparece a cara. ✓
- 10º ~~começa~~ Começa o vídeo no começo real (sentada, agachada e rezando olhando p/ câmera) ✓
- 11º câmera sumir depois cortar (marcar pontos de corte) procurar pontos de foco. ✓

1: meu amor, ♡

Dimanche
13.01.19

* Montagem VP: 27 takes

7168 (12 segundos: de 0:10 à 0:22's) (Jaqueira)

Título: Entre o Fundo e o Meio-do-Céu.

(Renan Rosas (azul) mandala / símbolos.

7151 (12 segundos) (Corridor)

7087

7125

7089

7123 (a partir de 0:20's)

7091

7092

7116 (a partir de 0:20's)

7095

7110

7157 (1 minuto: take total) (Sala de jantar)

7070

7050

(a partir de 0:55 - 01:15: giro e

a partir de 01:35 - 01:50: lambida).

7049 (a partir de 01:35 - 02:00)

7051

7052 (a partir de 01:00 - 01:10)

7055 (a partir de 00:16 - 00:22)

7062 (a partir de 00:05 - 00:10)

7059 (a partir de 00:20 - 00:23)

7048 (a partir de 00:10 - 00:35)

a partir de 01:00 - 01:02 e

a partir de 01:25 - 02:20).

2094 (00:00 - 00:05) (Varanda)

2109 (00:20 - 00:25) (Varanda).

VIRE →

